N.º 573
31-3-49

ESPORTE Ilustrado

CR$ 2,00
EM TODO O BRASIL

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL





O TIME do FLAMENGO

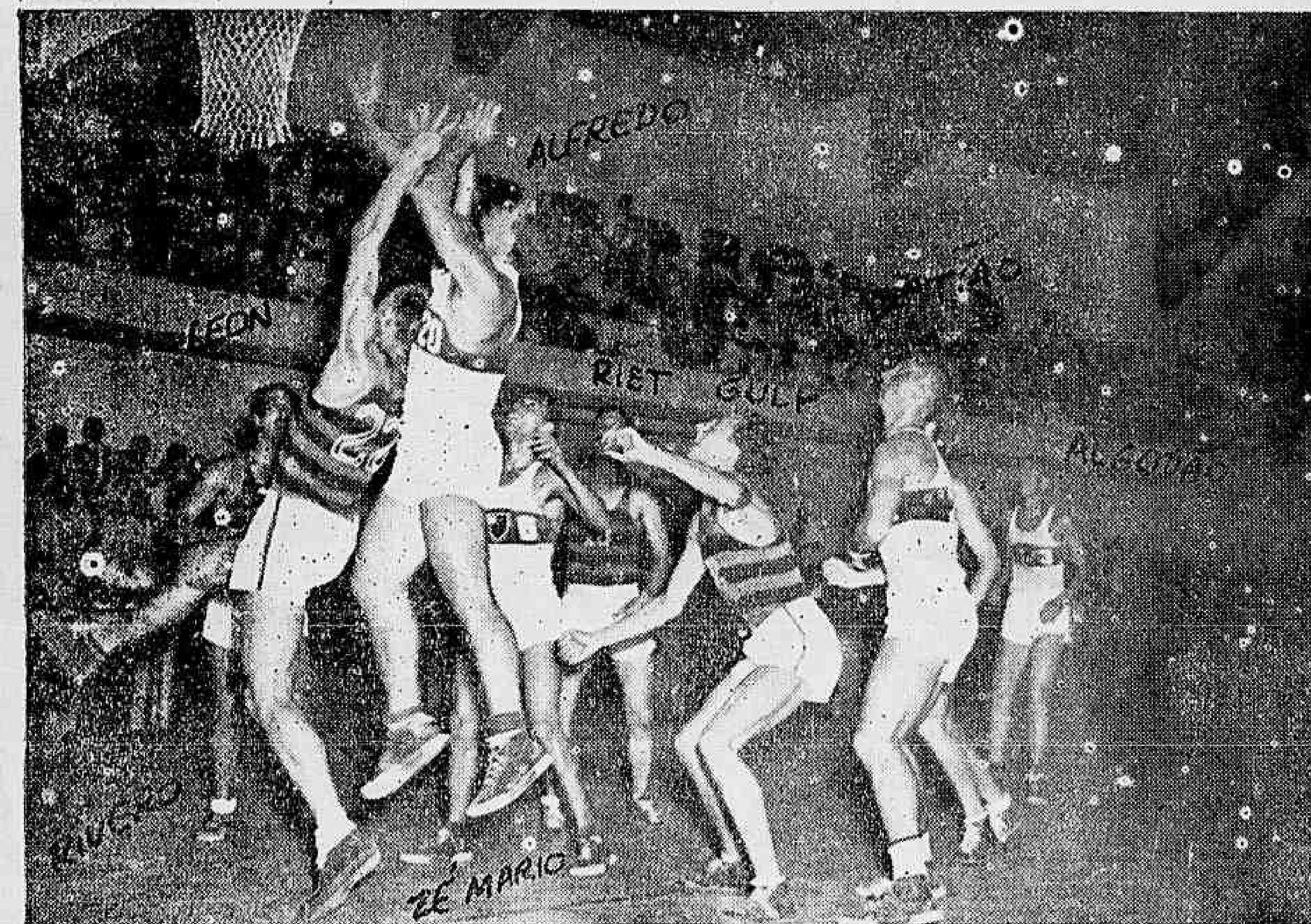
BANDEIRA (dir.) MARIO HERMES JAMIL TIÃO ALGODÃO



O FLAMENGO venceu o CAMPEÃO URUGUAIO



ZE MARIO GODINHO EVORA MARCELO ALFREDO KANELA (TECNICO)





TENIS DE MESA

TRATEMOS DO SUL AMERICANO!

Por SYLVIO RANGEL

Reuniu-se o Conselho Técnico de Tênis de Mesa da C B D, para proseseguir no estudo das providências necessárias ao completo êxito do próximo Campeonato Sul-americano, a realisar-se em junho próximo nesta Capital. Como das outras vêzes e como é norma daquele consêlho, as reuniões são exclusivas para os seus membros, não podendo extranhos nela tomar parte ou assistir. Tal orientação coloca o crônista e os aficionados na ignorância de providencias tomadas, providências estas que são sempre em benefi. cio do Tênis de Mesa, pois tem sido incansável o trabalho daquele orgão especialisado da C. B. D. em beneficio do nosso esporte. E foi por isto, que, num dos meus artigos anteriores, comentando o tempo já perdido, referi-me a mesa ou mesas onde seriam disputados os jogos, na ignorância de que já estivessem as mêsmas providenciadas sua aquisição na Inglaterra por intermédio da Casa Superbol, bem como de 30 grozas de bolas marca Vila 3 X, as usadas no recente Campeonato Mundial.

Também os uniformes que nossos amadores envergarão, já estão prontos e foram até usados em Estokolmo. Como providencias mais urgentes no momento ficam: a escolha do local e o ini. cio dos treinos dos amadores e amadoras convocados pela C. B. D. sob a competente e dedicada orientação de José Izoleti. Quantos ao concorrentes, as notícias são animadoras; embora não conhecendo a correspondência oficial da C. B. D. sôbre êste assunto tive a oportunidade de lér várias cartas enviadas pelos dirigentes de vários paises a Djalma De Vincenzi, cuja gentileza em mostrar mas aqui agradêço de público. Assim é que da Bolivia escreve Raul Zalazar Presidente da Federação mandando dizer que sua equipe virá na certa. Do Chile, embora não oficialmente, Raul Riveros informa que seus compatriotas virão. Do Paraguai, Enrique Mares Presidente da Federação local, refere-se ao Torneio com entuziasmo e promete comparecer com uma equipe poderosa. Finalmente Vitorio Zecchi secretário da Federação Uruguaya confirma a vinda de sua equipe e adiantanos a escalação que deverá ser Zecchi, Sarthou, Perez e mais dois dos seguintes: Baccino, Frigerio, Igorra e Croveto. Com a matemática participação da Argentina teremos assim a honra de receber em junho todos os filiados da Confederação Sul-Americana de Tênis de Mesa.

Aproveito a oportunidade, para esclarecer ao nossos leitores a minha posição neste Campeonato Sul-Americano. Estou convencido que a vitória do Brasil não deverá ser em cima da mesa mas principalmente na organização impecável do Campeonato, embora a vitória técnica também almejemos.

Naturalmente na defeza dêste ideal, que me parece justo, não medirei esforços e palavras e se por ventura atingir com minha crítica quem quer que seja, pode o atingido estar certo de que o faço sem pretender melindrá-lo pessoalmente, mas apenas considerando suas atitudes e atividades contrarias ao meu ponto de vista. E jamais pretenderei que esteja eu certo e os demais errados. E fica-me sempre a esperança de que não tenha de criticar quem quer que seja, e que, todos unidos possamos realisar um brilhante Campeonato Sul-Americano, para o progresso e a glória do Tênis de Mesa e do Esporte Brasileiro.

DE REVÉS

Por CANHOTINHO

Os Severos no Schell? Não sei como. Eles não são funcionários da Companhia nem o Schell S. C. é filiado a F. M. T. M.

(Continua na pág. 18)



OS CULPADOS DO FRACASSO

O adiamento por sete dias do início do campeonato sul-americano veio demonstrar, de maneira mais incisiva, a balbúrdia que reina nos arraiais da Confederação Brasileira de Desportos, na iminência de registrar o seu maior desastre financeiro.

O certame continental foi transferido por uma semana, atendendo a resolução do Uruguai de participar do campeonato, deliberação tomada à última hora, e dêste modo o quadro oriental poderia fazer um rápido ajuste de linhas, dando margem a que a Argentina imitasse o exemplo do seu vizinho do Prata. O adiamento viria também beneficiar aos nacionais, que poderiam realizar mais alguns ensaios para definir pontos duvidosos no ataque e proporcionar ao quadro maior poder conjuntivo, permitindo também que fossem concluidas com vagar as obras do estádio de São Januário.

Não nos venham tachar de derrotistas, porque o que focalizamos é única e exclusivamente uma situação real, pois estamos acostumados a viver com os pés sôbre a terra, e não com a cabeça no mundo da lua, sonhando com coisas impossíveis de se concretizarem.

O fato é que tanto argentinos como uruguaios não cumpriram com a palavra. Os orientais também não souberam ser fiéis ao seu compromisso, porque, além de deixar a decisão de comparecimento para a última hora, vão tomar parte no campeonato com o quadro de amadores que disputou o certame da classe, realizado em Santiago do Chile. Mandar o time de amadores é a mesma coisa que não estar presente, é a desmoralização de uma palavra, é a ausência efetiva do Uruguai. Não constituiu surprêsa para qualquer torcedor, com algum grau de inteligência, a não participação dos nossos maiores rivais. Há três meses, quando a C.B.D., tentando salvar o fracasso do campeonato, realizou a manobra do adiamento, todos constataram que as greves do futebol platino serviram e continuariam servindo de pretêxto para que os uruguaios e argentinos não participassem do campeonato sul-americano, que o Brasil realizava depois de uma interrupção de 27 anos. Tanto isto é verdade que agora, estando a greve no futebol argentino prestes a terminar, a Associação de Futebol Argentino só está pensando em dar início imediato ao certame local, e nem cogita do sul-americano.

Na ocasião do adiamento do campeonato sul-americano, de janeiro para março, primeiro sinal da política frouxa da C.B.D. (verifiquem, pois, que o certame já foi adiado duas vêzes), devia ter sido feito um ultimatum às duas entidades do Prata: "ou comparecem ao campeonato, ou o Brasil não participará mais de nenhum sul-americano em Buenos Aires e Montevidéu até que os dois paises venham ao Brasil para concorrer a outro sul-americano". Naquela época teria um grande efeito moral, mas hoje não passará de uma represália. Talvez nem isto a C.B.D. faça, com receio de não contar com a Argentina e Uruguai para o Campeonato do Mundo. O certo é que tanto é importante a presença deles aqui como a do nosso futebol lá em Buenos Aires ou Montevidéu, para o êxito técnico e financeiro de qualquer certame continental.

A desordem em relação ao setor nacinal veio provar que o tempo de preparação do selecionado foi exíguo, pois apesar das dezenas de dias em Poços de Caldas e de outros tantos no Rio, não foi possível selecionar e preparar devidamente a representação brasileira. O campeonato precisou de ser adiado por sete dias para que fosse realizado aquilo que já devia ter sido feito antes. O mesmo devia ter acontecido com as obras de adaptação do estádio de São Januário: precisavam estar terminadas sete dias antes do início do certame. Mas talvez nem isto teria se verificado se as obras não fossem por conta do Vasco.

Finalmente a balbúrdia dos alojamentos para as delegações estrangeiras, provando esta dança de hotéis à última hora, veio corroborar aquilo que todos estão verificando: falta de planejamento, falta de pulso firme na C.B.D., porque não há renovação de valores nos postos técnicos e dirigentes. Caberá somente a êles, os "cartolas vitalícios" do futebol brasileiro, a culpa de um fracasso do sul-americano.

CAPA — ZIZINHO, meia direita do Flamengo, que desde os primeiros ensaios do selecionado brasileiro ao sul-americano assegurou a sua efetivação no pôsto que ocupa, dado o rendimento regular do seu jôgo, que também o consagrou no último campeonato carioca como o melhor atacante. Zizinho, o "dono" da meia direita.



*

CONTRA-CAPA — CARLYLE e OTAVIO. Dois centro-avantes que foram convocados para o selecionado nacional. O primeiro sobrou, apesar de suas ótimas atuações e de bom goleador, e o segundo conquistou o comando da ofensiva nacional.

Sabado NOS CLÁSSICOS
2 MILHÕES FEDERAL
FASANELLO
AVENIDA 110 - AVENIDA 147

TURF

DE BINÓCULO EM PUNHO

Por GALHARDO GUAYANAZ

Dois forfaits, anunciadosà última hora para a corrida de sábado, deixaram meio tontos os apostadores, pois os dois animais que deixavam de correr — Parker e Itororó — eram artigo de fé e deveriam figurar em quase tôdas as acumuladas. E, logo a seguir, o maior favorito da tarde fracassou, rasgando vinte e duas mil poules. Possuindo uma filiação primorosa e tendo produzido exercícios que, confirmados, lhe garantiriam uma vitória facílima, Blue Dream fracassou inteiramente. Não se sabe, até o momento, a que atribuir o seu fracasso, a menos que se apele para a desculpa universal dos animais que estréiam — as emoções da primeira corrida. E nós achamos mesmo que foi só por isso que Blue Dream perdeu. Assim que foi ordenada a largada, o estreante demonstrou certa indecisão, o que lhe valeu ficar meio encerrado, no meio do pelotão. Evidentemente, o tropel dos adversários o estava fazendo ficar meio tonto. Quando a reta foi atingida, Blue Dream melhorou de posição, mas não trazia ação que lhe garantisse êxito. E', entretanto, um bom animal, muito bem proporcionado, de porte médio, que deverá reabilitar-se plenamente nas próximas atuações, galgando duas ou três turmas comodamente. E' só por isso que nos detivemos mais do que é do nosso costume na análise de uma carreira aparentemente sem significação.

Havia três provas, no domingo, que, pela classe dos competidores que as compunham, despertavam a atenção dos turfistas: a 3ª prova especial de éguas, a prova denominada IV Centenário da Cidade do Salvador e o Grande Premio Henrique Possolo. Na primeira delas, Negrusa desforrou-se do revés que na estréia lhe haviam imposto Cabana e Magali, vencendo de forma convincente. Para valorizar-lhe o mérito da conquista, é preciso que se cite a vantagem de peso que concedia às rivais, favorecidas em cinco quilos, enquanto uma semana antes, quando fôra derrotada, lhes dava apenas um quilo de vantagem. Aclimatando-se paulatinamente e habituando-se a correr na grama, Negrusa, temos certeza, corresponderá ao que dela se esperava. No páreo IV Centenário da Cidade do Salvador, Manguari reabilitou-se também concludentemente, impondo-se com firmeza a Multiple e credenciando-se para a primeira prova da tríplice-corôa, o Grande Prêmio Outono, que será realizado esta semana. Manguari será um adversário com que não contavam os fãs de Lover's Moon, entre os quais nós nos incluímos.

O Grande Prêmio Henrique Possolo foi levantado, com surprêsa de todos, e talvez do próprio jóquei — Domingos Ferreira, que voltou da pista chorando de emoção — por Helas, que pouco de útil vinha produzindo ultimamente. As anunciadas cólicas de Herencia foram tomadas pelo público apostador como despistamento e Herencia fechou mesmo o movimento de apostas como franca favorita. Entretanto, estava à vista que Herencia não era a mesma égua que três semanas antes baixara de um segundo o record dos 1.300 metros. Estava triste, sem a sua habitual desenvoltura. Loretta, que no caso seria a mais provável ganhadora, foi a segunda preferida dos apostadores, enquanto a ganhadora constituía o maior azar da carreira. Herencia perseguiu a ponteira Saraivada até o início da reta, mas já aí, demonstrando a precariedade de seu estado de saúde, renunciava à luta, enquanto Helas, aproveitando uma abertura junto à cêrca, tomava decididamente a ponta, para não mais perdê-la. Surpreendida pela vantagem conseguida por Helas no início da reta, Loretta só atacou muito tarde, chegando entretanto a ameaçar seriamente o triunfo surpreendente de Helas, que teria perdido se o percurso se prolongasse por mais alguns metros.



Um dos ataques que tem defendido as côres do quadro efetivo do selecionado: Cláudio, Zizinho, Otávio, Orlando e Canhotinho

OS "BRANCOS" JUSTIFICARAM A "PINTA" DE TITULARES

Escreveu **CHARLES GUIMARÃES** ★ Fotografou **JOSÉ SANTOS**

Finalmente o carioca pôde satisfazer a sua curiosidade em torno dos preparativos do selecionado brasileiro. Até aqui, êle não podia emitir uma opinião própria, já que somente se inteirava das condições dêste ou daquele atleta através do noticiário da imprensa. Por conseguinte, não constituiu surprêsa a presença daquele numeroso público que lotou totalmente as dependências do estádio de General Severiano, local previamente designado para a realização do primeiro ensaio franqueado ao público. E ao final do ensaio o torcedor se sentiu regiamente compensado porque, se por um lado não lhe foi permitido presenciar um espetáculo cem por cento sensacional, valeram, contudo, as observações quanto ao trabalho que vem sendo desenvolvido pelo preparador com relação aos 29 elementos que se encontram à disposição da Confederação. O quadro Branco, que desde o início vem merecendo as preferências do selecionador, pôde desta feita dar uma demonstração de suas reais possibilidades, conseguindo, inclusive, justificar plenamente a "pinta" de titular. A sua defesa portou-se à altura, revelando todos os seus integrantes perfeitas condições físicas e técnicas, enquanto o seu ataque, que por vários dias esteve a preocupar seriamente o treinador, melhorando consideravelmente de produção, conseguiu impressionar favoravelmente, realizando um trabalho bastante proveitoso, bem superior ao desenvolvido pelo seu antagonista. O quadro Verde, por sua vez, não decepcionou. E' bem verdade que a sua conduta nesse ensaio esteve muito aquém das vêzes anteriores, porém ainda assim pôde se observar o trabalho magnífico de vários dos seus integrantes, plenamente reajustados dentro das suas melhores condições. Tecnicamente o ensaio não foi dos melhores e isto se deve exclusivamente à queda de produção dos dois conjuntos na etapa derradeira. Tivemos um primeiro tempo magnífico, tão emocionante que a própria torcida, contagiada pelo espetáculo, passou a vibrar delirantemente, aplaudindo os dois conjuntos que se empenhavam com todo entusiasmo. Nos primeiros minutos, incentivados pela maioria da torcida, notadamente pelas sociais botafoguenses, o quadro Verde passou a predominar na cancha, atirando os defensores antagônicos contra as suas últimas linhas. Cedo, porém, o quadro titular despertou para a luta e assim pôde, em pouco tempo, aniquilar aquêle predomínio que se fazia notar de modo impressionante, até estabelecer um perfeito equilíbrio nas ações. Convém frisar que os suplentes atuavam à base do entusiasmo, tendo vários jogadores se superado a si próprios, apresentando um rendimento magnífico, ao passo que os titulares procuravam estabelecer uma perfeita sintonia em suas linhas, para anular taticamente o trabalho ofensivo do seu oponente e chegar então ao predomínio no terreno, o que conseguiram a partir do vigésimo minuto de luta, pois depois do goal de Jair os titulares ficaram absolutos, embora o quadro comandado por Otávio não lhe desse tréguas. Assistiu-se assim a um belo espetáculo, a um jôgo bastante movimentado que facilitava sobremodo as observações do treinador. No período complementar os quadros se apresentaram com algumas alterações. Assim que houve uma permuta entre Leônidas e Otávio, passando o comandante botafoguense a chefiar o ataque titular, e ao "Diamante" foi entregue o comando dos Verdes. Também Tesourinha e Orlando apareceram nos postos de Cláudio e Jair entre os titulares, e o quadro suplente, a não ser a permuta já mencionada acima, manteve inicialmente a mesma constituição da primeira etapa. Tecnicamente, o segundo período deixou muito a desejar. Aquela combatividade dos 22 litigantes desapareceu como por encanto e os dois quadros passaram a atuar discretamente, evitando a todo custo as jogadas mais vigorosas. Constituiu mesmo uma grande decepção para o torcedor êsse segundo período, onde nada de interessante se pôde observar, salvo os goals conquistados e assim mesmo muitos deles em condições inesperadas. Posteriormente Otávio e Leônidas deixaram o gramado, entregando os seus postos a Carlyle e Nininho, respectivamente. Também nos minutos finais, Brandãozinho apareceu no terreno para ocupar o pôsto de Rui. Seis tentos foram assinalados nesse período; quatro deles em favor dos titulares e os dois restantes para os suplentes. O fato em si atesta o pouco empenho das duas defesas, que jogaram paradas, sem aquêle extraordinário senso de marcação da etapa inicial. Ainda nesse derradeiro período, os Brancos despontaram melhor no terreno, mantendo aquêle predomínio absoluto, já observado na primeira etapa. Foi uma vitória bastante justa que serviu para atestar o melhor rendimento do quadro Branco, que, como já dissemos no início dêste comen-





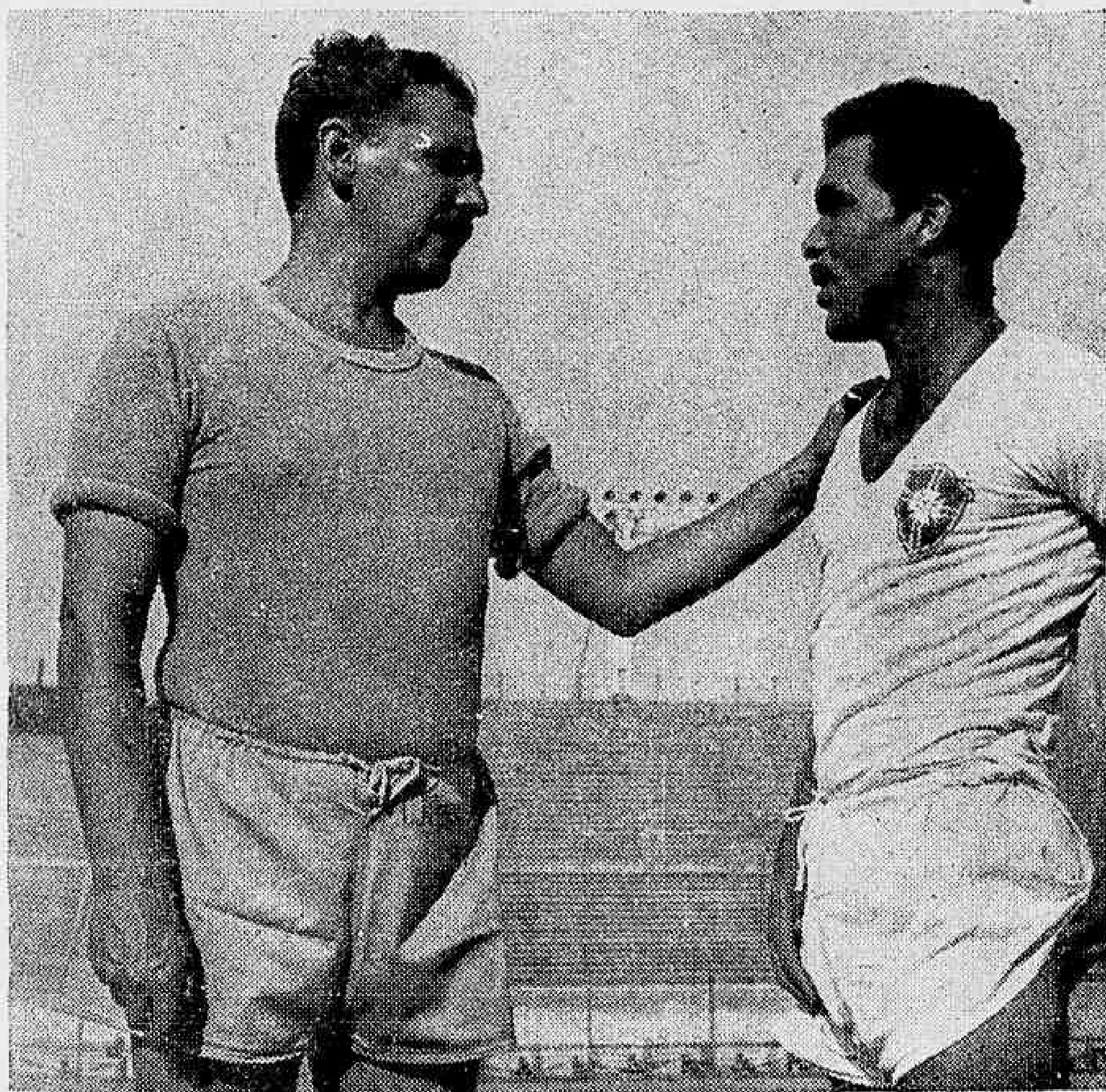
A ofensiva suplente do selecionado nacional: Simão, Geninho, Carlyle, Ademir e Paraguaio



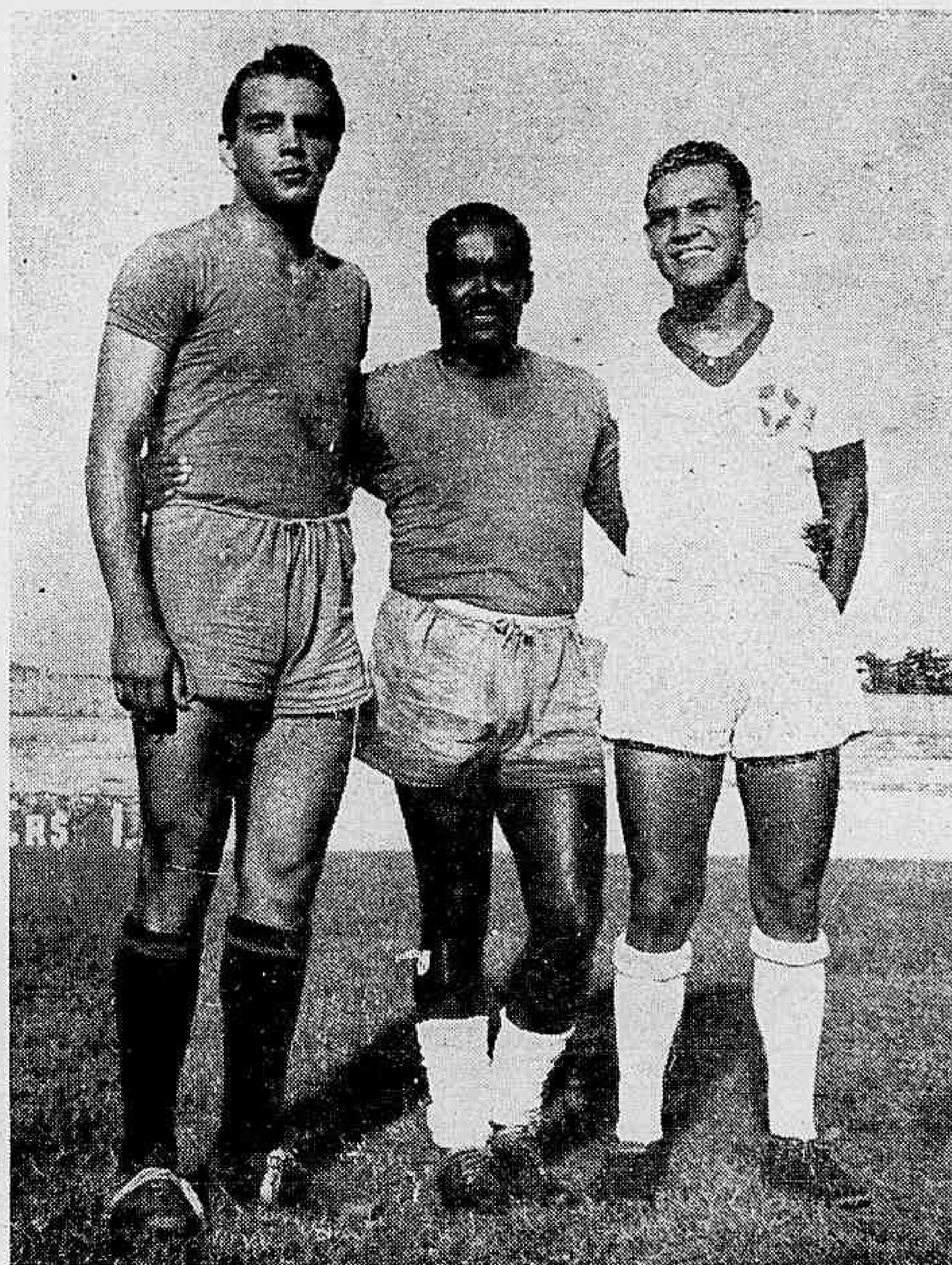
Os paulistas que ficaram no selecionado brasileiro: em pé, Brandãozinho, Leônidas, Canhotinho, Mauro e Cláudio. — Sentados, Bauer, Noronha, Rui, Nininho e Simão. Com êstes elementos Flávio formará o quadro para os jogos em S. Paulo

tário, justificou plenamente a sua "pinta" de titular. O primeiro período terminou com a vantagem dos Brancos por 2x1, tentos de Zizinho e Jair para os vencedores, e Wilson (contra), para os Verdes. No segundo período os titulares conseguiram mais quatro tentos, de autoria de Jair, Eli, Zizinho e Orlando, nesta ordem, contra dois dos suplentes, marcados por Leônidas e Ademir, o que registrou, enfim, o placard de 6x3 a favor do Brancos. Passando em revista os 27 elementos que se exercitaram vamos encontrar Barbosa em plano superior a Osvaldo, que, convocado à última hora para substituir Castilho que se encontra enfêrmo, não pôde absolutamente render o máximo, pois encontrava-se inativo há bastante tempo. Ainda assim, fez um bom primeiro tempo, decaindo somente na fase final. Barbosa muito bom. Entre os zagueiros ressaltamos o trabalho do duo Augusto-Mauro, que em todos os ensaios realizados demonstraram absoluta superioridade sôbre os seus concorrentes. Somente aceitamos a escalação de Wilson no quadro titular convicto de que Flávio não deseja quebrar a harmonia do trio final vascaino, que vem atuando há mais de um ano com essa constituição, porque do contrário não se justificaria essa preferência, já que o zagueiro sampaulino vem demonstrando notória e superlativa superioridade sôbre o zagueiro vascaino. Santos esteve firme e realizou um bom trabalho, ao passo que Wilson esteve apenas regular. O trio médio titular realizou desta feita um trabalho excelente, onde até Eli convenceu. Danilo e Noronha continuam absolutos, não deixando mais dúvidas quanto às suas efetivações no conjunto. O médio Bauer, que vinha levando nítida vantagem sôbre Eli, desta vez, mais do que nunca, provou a sua indiscutível superioridade sôbre o médio vascaino. Acreditamos numa repetição do caso Wilson, isto é, que Flávio continue preferindo Eli para não destruir a estrutura do sexteto defensivo. Bauer foi absoluto, a grande figura do quadro Verde, e Eli, embora muito superior ao Eli das outras vêzes, não apresentou um

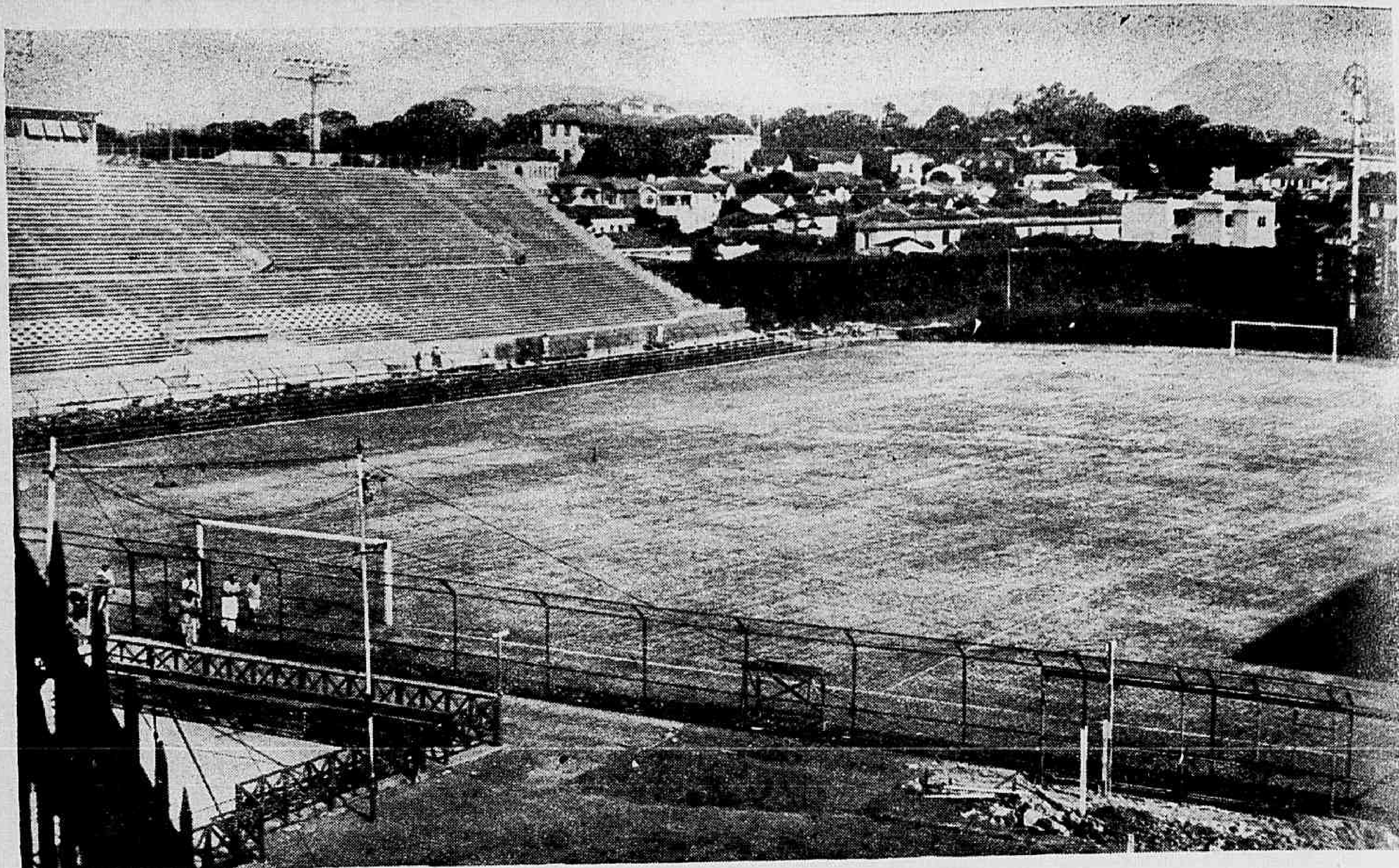
(Continua na pág. 18)



Flávio Costa e o último elemento requisitado, por sua indicação, Simão, extrema esquerda da Portuguêsa de Desportos



Três centro-avantes cotados para o comando, Carlyle, Leônidas e Otávio



Um aspecto do estádio de São Januário, com o gramado completamente fechado pelo alambrado

VINTE E SETE ANOS DEPOIS...

Escreveu LEVY KLEIMAN

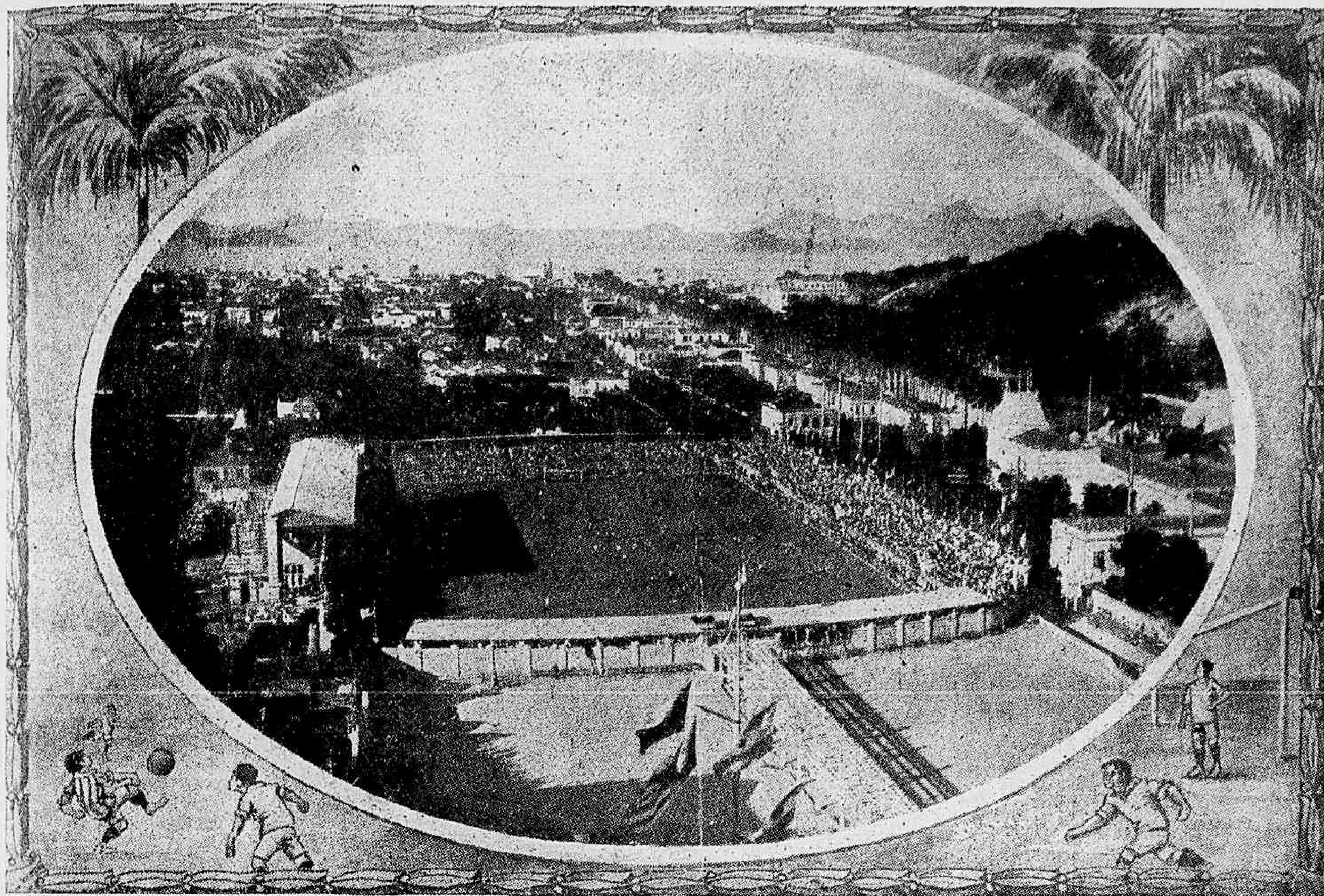
Pasaram-se quase três dezenas de anos desde que o Brasil realizou o seu último campeonato sul-americano. Foi o campeonato do Centenário. Construiu-se, às expensas dos cofres públicos, um estádio no campo do Fluminense, para local do certame. Em 1949, a C.B.D. empregará dois campos, o de São Januário, no Rio, e o do Pacaembu, em São Paulo. O estádio municipal da capital bandeirante estava em condições para o certame continental, pois é uma praça de esportes de construção recente, e portanto à altura de um campeonato do vulto de um sul-americano, mesmo com a ausência dos argentinos e uruguaios, porque êstes apenas se farão representar simbolicamente. Houve necessidade porém de uma pequena inovação, porque estando o gramado devidamente isolado do público, não foi precisa a instalação do "alambrado", mas tornou-se imperioso o isolamento dos reservas e dos técnicos sabidos, que costumam invadir o campo para a entrega de novas chaves de jôgo, e outros truques. Foi então construída no Pacaembu uma gaiola, onde ficarão devidamente trancados os suplentes e os técnicos dos quadros. Poderão dar instruções à vontade, mas dentro da gaiola.

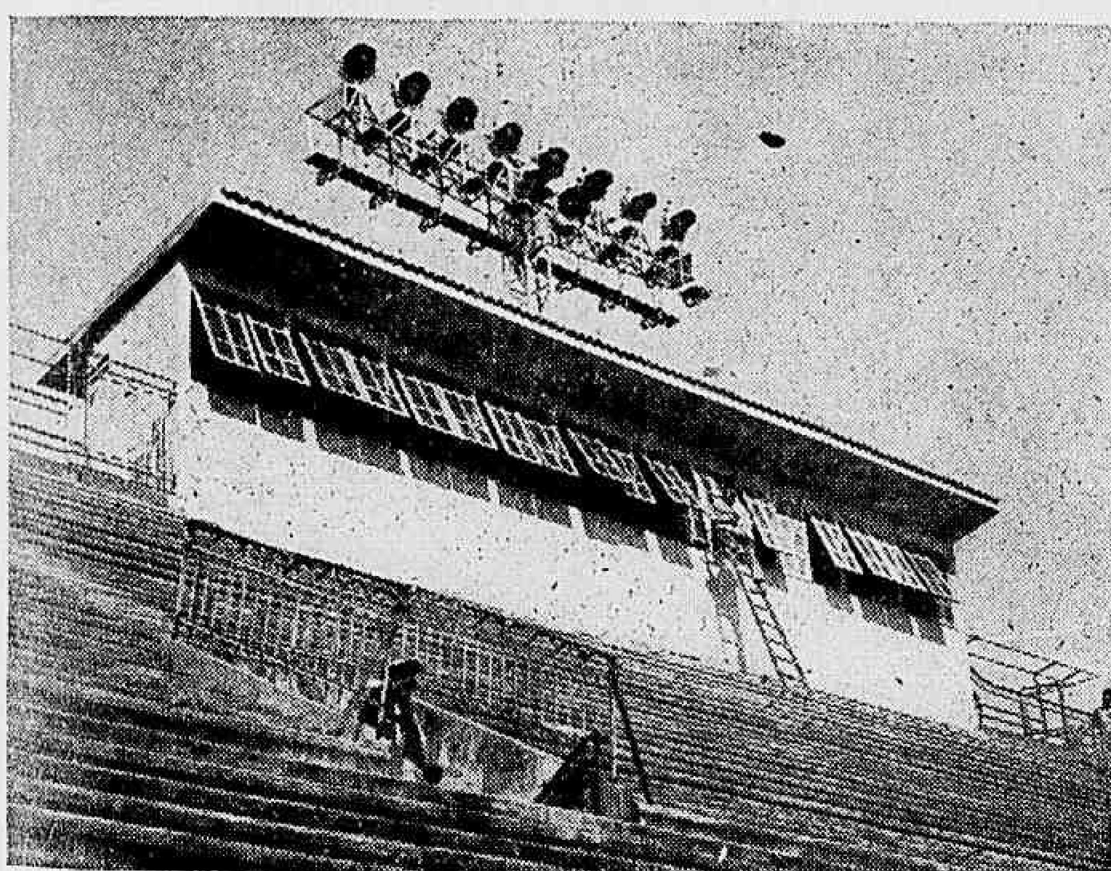
Mas o estádio de São Januário, com mais de 20 anos de existência, precisou de ser adaptado às condições atuais. Os platinos, com receio das invasões de campo, fizeram um ultimatum: só disputariam o sul-americano em São Januário com o campo devidamente cercado. Foi levantado o "alambrado", que aliás o próprio regulamento da F.M.F. exige, e assim mesmo os platinos não virão. Foi construído um túnel ligando os vestiários diretamente ao gramado. Na curva da ferradura do estádio foi instalada uma arquibancada móvel, com dez degraus, para as cadeiras numeradas. Finalmente a crônica falada foi engaiolada na arquibancada, no mesmo local em que Ari Barroso esteve exilado por muito tempo. O Vasco construiu na parte oposta à social, no ultimo lance da arquibancada, um reservado composto de dez cabines para as emissoras cariocas, com ventiladores, garrafas térmicas para água gelada, e quebra-luzes para facilitar a visão dos locutores. Ficaram, asim, as estações de rádio devidamente isoladas do corpo social do Vasco, encerrando dêste modo o capítulo de uma série de incidentes entre os locutores e alguns sócios mais violentos. A crônica escrita continua no mesmo lugar, porque é muda, os seus comentários não podem ser ouvidos na ocasião. São lidos no dia seguinte, e então não há possibilidade de censura imediata.

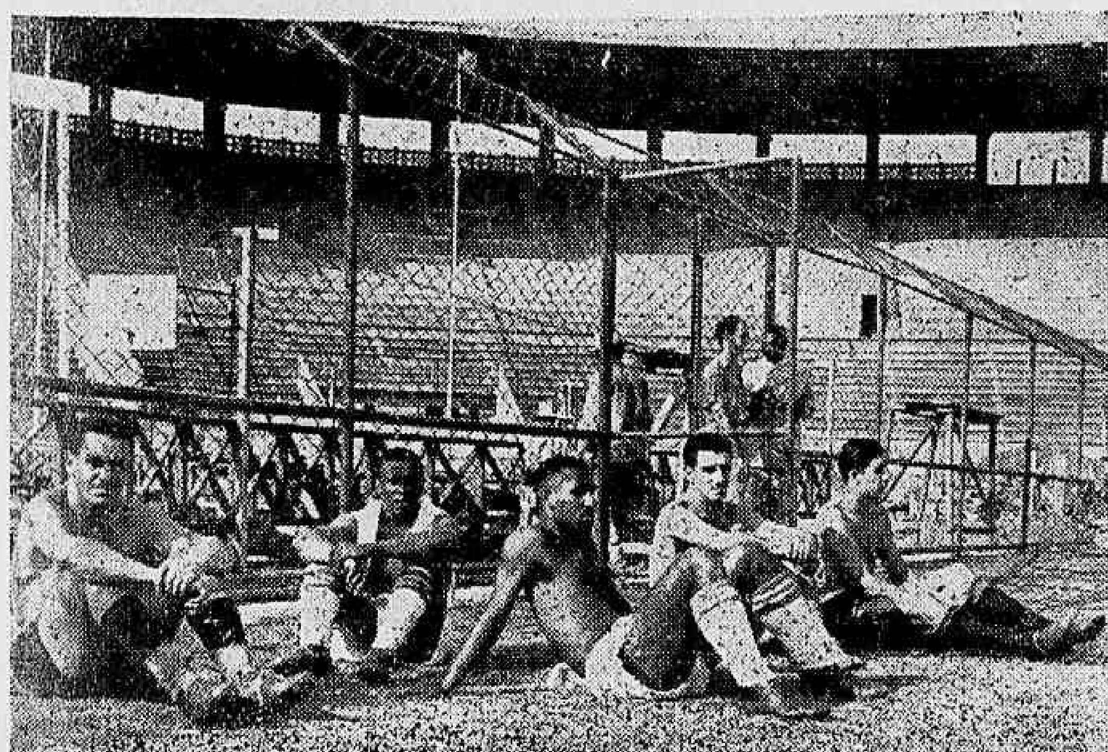
As obras de adaptação do estádio de São Januário para o sul-americano são produto do esfôrço do Clube de Regatas Vasco da Gama, que em tão pouco tempo realizou obras de tamanho vulto, com o seu próprio capital, porque se fosse esperar pela C.B.D. o campo ainda teria o mesmo aspecto do dia de sua inauguração.



As cadeiras numeradas que foram colocadas na arquibancada móvel, na ferradura do estádio de São Januário. Na arquibancada aparece, ao centro o reservado de rádio, com dez cabines







ONTEM E HOJE — Ao alto, um aspecto do estádio do Fluminense, no jôgo Brasileiros x Argentinos, pelo campeonato sul-americano de 1922. — Em baixo, a direita, o cartaz que a C. B. D. mandou confecionar para o certame continental de 22. Hoje, a esquerda, a cabine de rádio, construida no centro da arquibancada, e uma parte do alm. brado do estádio de São Januário, visto de dentro do campo





Os juvenis brasileiros, ao chegar ao Rio, após conquistarem o primeiro sul-americano de amadores, em Santiago do Chile

SEGUNDA-FEIRA — 21 DE MARÇO

O Uruguai decidiu, finalmente, comparecer ao sul-americano.

TERÇA-FEIRA — 22 DE MARÇO

Adiado para 3 de abril o início do sul-americano. ★ Friaça passou do Vasco para o São Paulo. O seu passe custou 350 mil cruzeiros. ★ Após o sul-americano, Vasco x São Paulo, em São Januário e no Pacaembu. ★ Em Nova York, o pugilista brasileiro Osvaldo Silva "84" foi vencido pelo americano Harold Green, aos pontos.

QUARTA-FEIRA — 23 DE MARÇO

No treino público do selecionado brasileiro, em General Severiano, os efetivos voltaram a se impor, por 6x3. ★ O Aguada, campeão uruguaio de basket, estreou no Rio, derrotando o Tijuca, por 51x48. ★ O Flamengo vendeu ao Bangu o passe do arqueiro Luis Borracha por 250 mil cruzeiros.

QUINTA-FEIRA — 24 DE MARÇO

Voltou ao Rio o juiz inglês Barrick, contratado por 2 meses pela C.B.D. para apitar o sul-americano. ★ O campeão uruguaio de basket, o Aguada, tornou a vencer. Derrotou a Atlética do Grajaú por 30x24. ★ O campeonato carioca começará no dia 19 de junho. Torneio Início dia 12. ★ Assentada a vinda do Arsenal, o famoso time inglês, sob o patrocínio do Botafogo. Jogará em maio, no Rio em em São Paulo.

SEXTA-FEIRA — 25 DE MARÇO

No "match-revanche", em Passos, Minas, o América derrotou o Passense por 7x0, goals de Nivaldino (2), Ranulfo (2), Marte, Maneco e Ari; o quadro americano atuou assim: Osni; Joel (Isaac) e Jalves; Hilton, Osvaldinho e Gamba (Gilberto); Ari, Maneco, Ranulfo, Nivaldino e Marte.

SÁBADO — 26 DE MARÇO

Cambridge venceu Oxford, na tradicional regata, por ¼ de barco. ★ O Flamengo, campeão carioca de basket, derrotou o Aguada, campeão uruguaio, por 50x37.

Todos os esportes

DIARIO DA VIDA ESPORTIVA

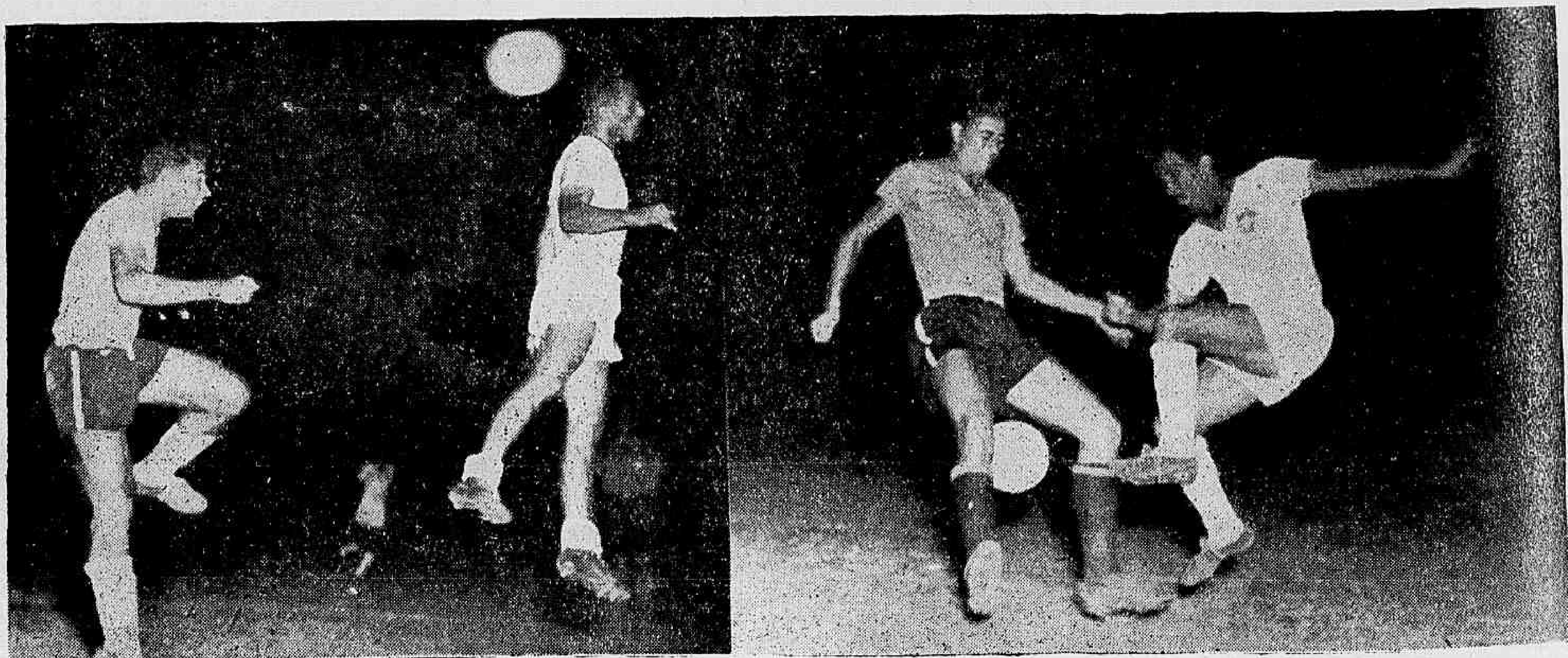
Por YVÉL NAMIELK "O Repórter Sete Dias"

DOMINGO — 20 DE MARÇO

Placard do dia — Em Bogotá — Madureira 4 x Milionários 2. No Rio — Flamengo 5 x Olaria 3. Em Passos — América 1 x Passense 0. Em Lisboa — Portugal 1 x Espanha 1. ★ O Icaraí sagrou-se tetra-campeão infanto-juvenil da natação carioca, com 300 pontos; em 2º, Fluminense, 228; Afrânio Acioli de Oliveira, do Fluminense, com 36 segundos, para os 50 metros, petizes, nado de peito, assinalou um novo recorde carioca. ★ Os paulistas sagraram-se mais uma vez campeões brasileiros de atletismo, com 490 pontos; em 2º, cariocas, 247. Foram êstes os atletas vencedores da última etapa: 100 metros, Haroldo Pereira da Silva (S. Paulo), 10"6; salto em altura, Geraldo de Oliveira (Rio), 1m85; pêso, Nadim Marreis (Rio), 13m82; 5.000 metros, João Oitica (S. Paulo), 15'26"5; 400 metros, Rosalvo Ramos (Rio), 49"5; 20 quilômetros, Joaquim Gonçalves (S. Paulo), 1h10'47"1; 4x100, Distrito Federal, 42"9; declato, Júlio Baumgartem, 5.923 pontos. ★ Os cariocas recuperaram a supremacia do basket, conquistando o título de campeões brasileiros ao derrotarem na "negra" da melhor de três os paulistas por 33x24. ★ Ondino Viera perdeu a "carta branca" de técnico do Fluminense, em face da nomeação de uma comissão técnica. ★ Luigi Villoresi venceu o 4º Prêmio Internacional de São Paulo, cobrindo os 160 quilômetros em 1h20'302: em 2º, Francisco Marques; em 3º, Antônio Fernandes da Silva.



Flávio Costa no vestiário do Botafogo, dá as últimas instruções aos elementos convocados para o selecionado brasileiro, no apronto de quarta-feira



Dois flagrantes do ensaio público de quarta-feira, do selecionado brasileiro, no estádio do Botafogo: a esquerda, Santos corta de cabeça uma investida de Jair, e a direita Si mão consegue superar Mauro

FRACO O ENSAIO DA "GUILHOTINA'

Escreveu CHARLES GUIMARAES
Fotos de JOSE' SANTOS

Nunca se registrou na história do nosso futebol fato semelhante. Na verdade, nunca houve tanta confusão em tôrno da constituição de um selecionado brasileiro, como se observa agora, sem que se possa atribuir, de sã consciência, a êste ou àquele a responsabilidade pelas agravantes que culminaram por constituir o preparo do nosso "scratch", em algo impressionante, pelos contornos adversos, que nos impressionam mal, provocando inclusive um certo temor pela sorte da nossa representação neste próximo campeonato sul-americano que vamos patrocinar depois de vários anos de an gustiosa expectativa. Tivemos um péssimo início — o da convocação dos elementos, e mais tarde uma série de alternativas, tôdas elas contrárias às nossas expectativas, criaram um ambiente de incompreensão e adversidade, com sério prejuízo para o trabalho que agora se desenvolve sem um critério justo. Diríamos que o mal, antes de tudo, advém das táticas e da padronização do nosso conjunto, pois do contrário não se justificaria colocar à margem um jogador como Juvenal, para não citarmos outros, que no campeonato findo constituiu-se na grande figura do seu quadro, campeão da metrópole. Em reportagens anteriores incentivamos a todos para que se apoiasse o trabalho do treinador. Tínhamos, como temos presentemente, fundadas razões para assim proceder; no entanto, diante do que assistimos domingo, precisamos fazer um reparo para podermos nos colocar em dia com a nossa consciência. O penúltimo ensaio foi talvez o pior de todos os quantos já se realizaram. O quadro Verde, já cognominado como suplente, sem se apresentar dentro das suas verdadeiras possibilidades, nos deu a impressão de titular, porque o que é assim considerado em nenhum momento conseguiu aparecer dentro do terreno. O domínio técnico e territorial do quadro suplente sôbre o seu credenciado rival foi uma dessas coisas indiscutíveis, que não dá margem a qualquer dúvida. Que não se impressione o leitor quando dissermos que a vitória sorriu aos titulares por 2x1, porque êste placard, da forma como foi construído, nos deu a nítida impressão de ser um "score" arranjado, já definido antes de se iniciar a prática. Num prélio comum de campeonato intitularíamos a nossa crônica: "Nem sempre vence o que melhor se conduz dentro do terreno". Tanto na primeira como na fase derradeira, os Verdes assumiram o comando da peleja, não o entregando um minuto sequer ao seu adversário. Foi um domínio absoluto, que não se refletiu no placard porque nos parece que alguém assim o desejou... Para sermos mais positivos e não deixarmos dúvidas quanto às nossas considerações, diremos que o quadro Branco nos deu a impressão de que não estava presente na cancha. Ademir aos 4 minutos serviu em magníficas condições a Tesourinha, que com potente tiro venceu a perícia de Ernani. Aos 38 minutos Otávio em jogada espetacular e individual estabeleceu o empate, terminando assim a primeira etapa com o marcador assinalando 1 tento para cada bando. Na etapa complementar Zizinho obteve aos 38 minutos o segundo tento para os Brancos, fixando assim em 2x1 a vitória pró-titulares, um dos placards mais injustos que já se registrou em prélios futebolísticos. Analisando a conduta dos elementos que ensaiaram, vamos encontrar Bauer como a estrêla máxima do gramado. Aliás em comentário anterior já havíamos chamado a atenção do treinador para a conduta dêsse elemento, alegando que só aceitaríamos a indicação de Eli para o pôsto considerando o desejo de Flávio de não quebrar a harmonia do sex-

(Continua na pág. 18)

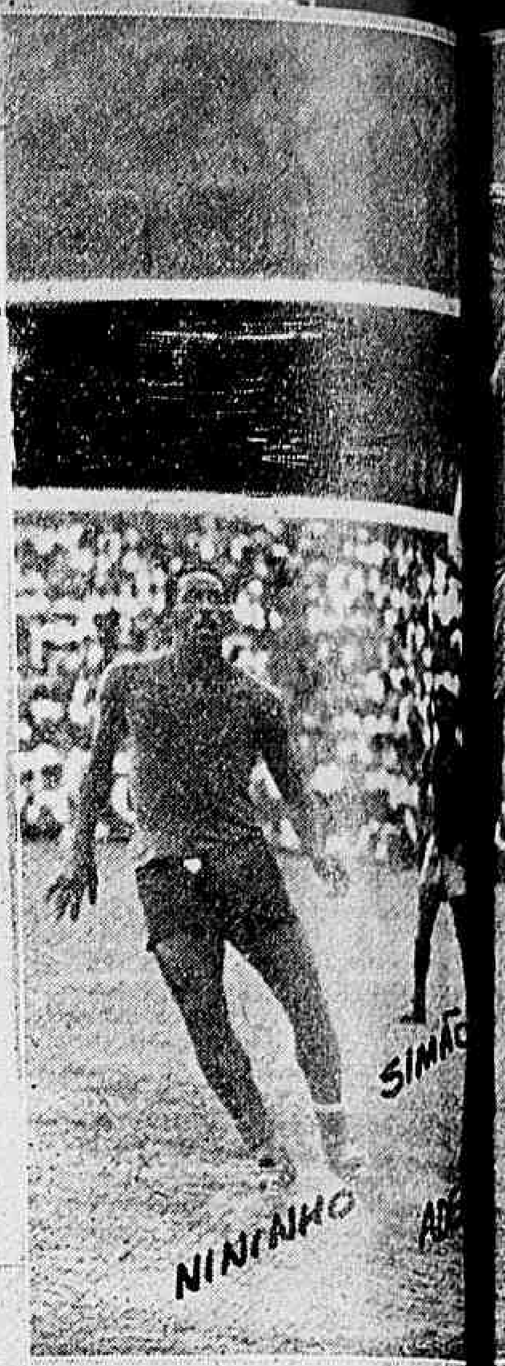

O quadro Branco que, com Wilson no pôsto de Mauro, deverá ser o titular. Em pé, da esquerda para a direita: Elí, Ernani, Augusto, Mauro, Danilo, Barbosa e Noronha, que tem ao seu lado o árbitro Malcher da Gama. Agachados, na mesma ordem: Cláudio, Zizinho, Otávio, Jair e Canhotinho



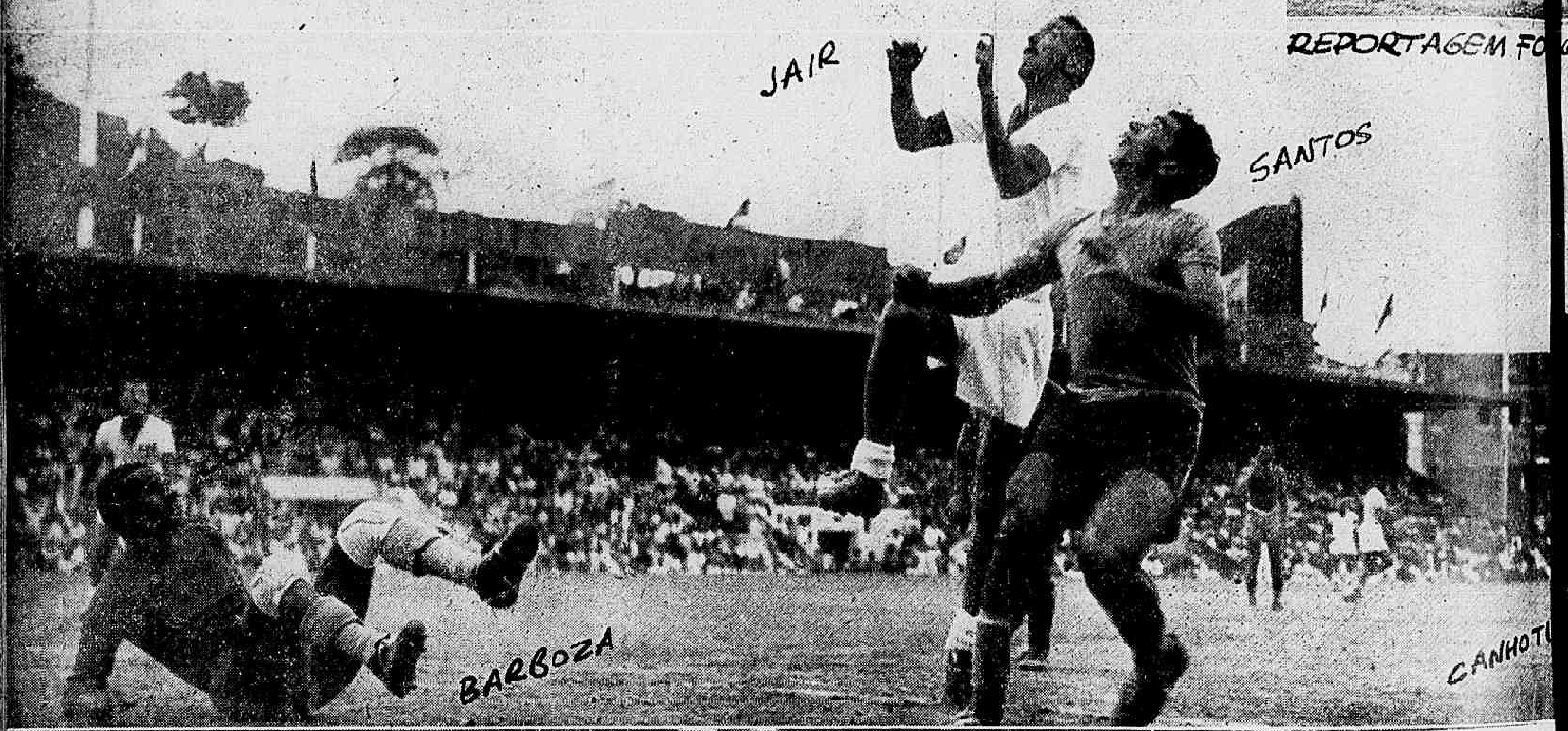

O quadro Verde, considerado como suplente, e que contou com o reforço de Barbosa. Em pé da esquerda para a direita, vemos: Rui, Barbosa, Santos, Sampaio, Bauer, Bigode e o árbitro Alberto Malcher. Agachados, na mesma ordem: Tesourinha, Ademir, Nininho, Geninho e Simão



O PENULTIMO TREINO

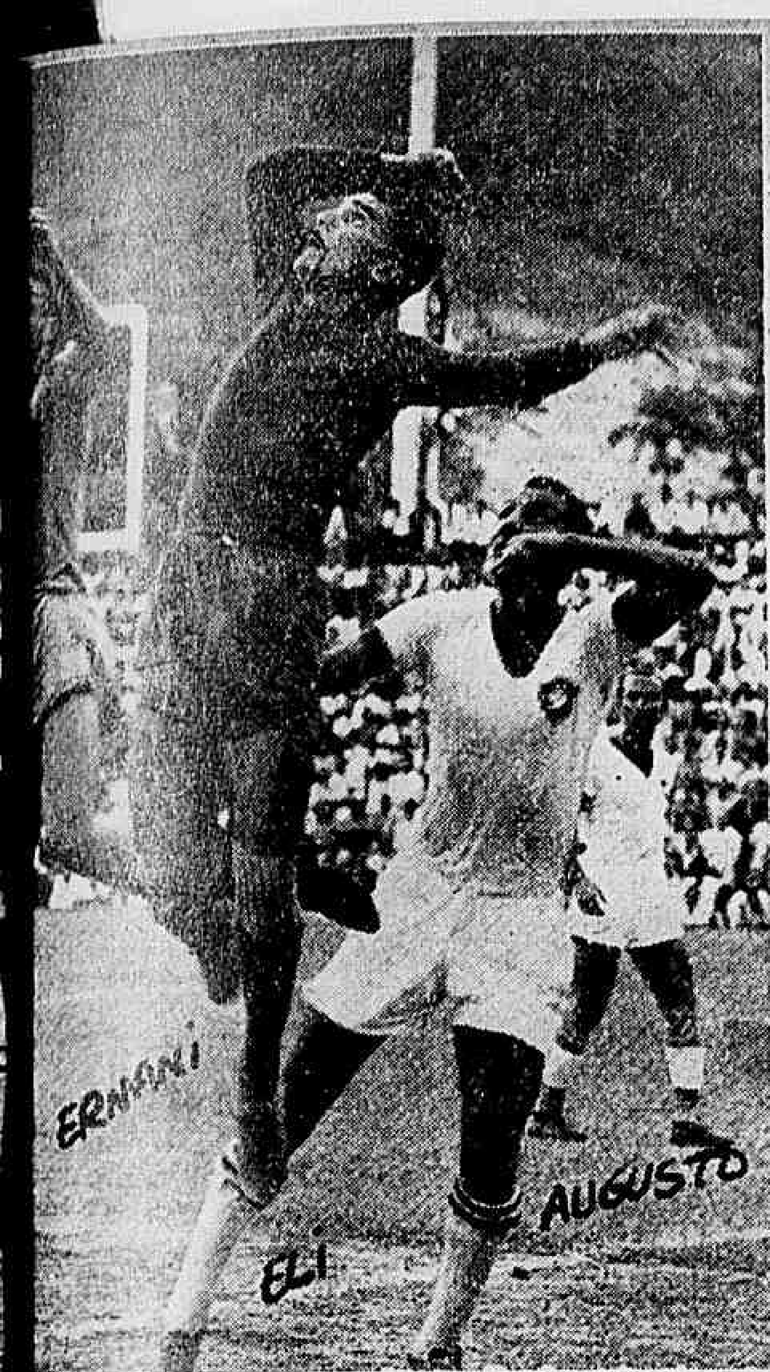


REPORTAGEM FO









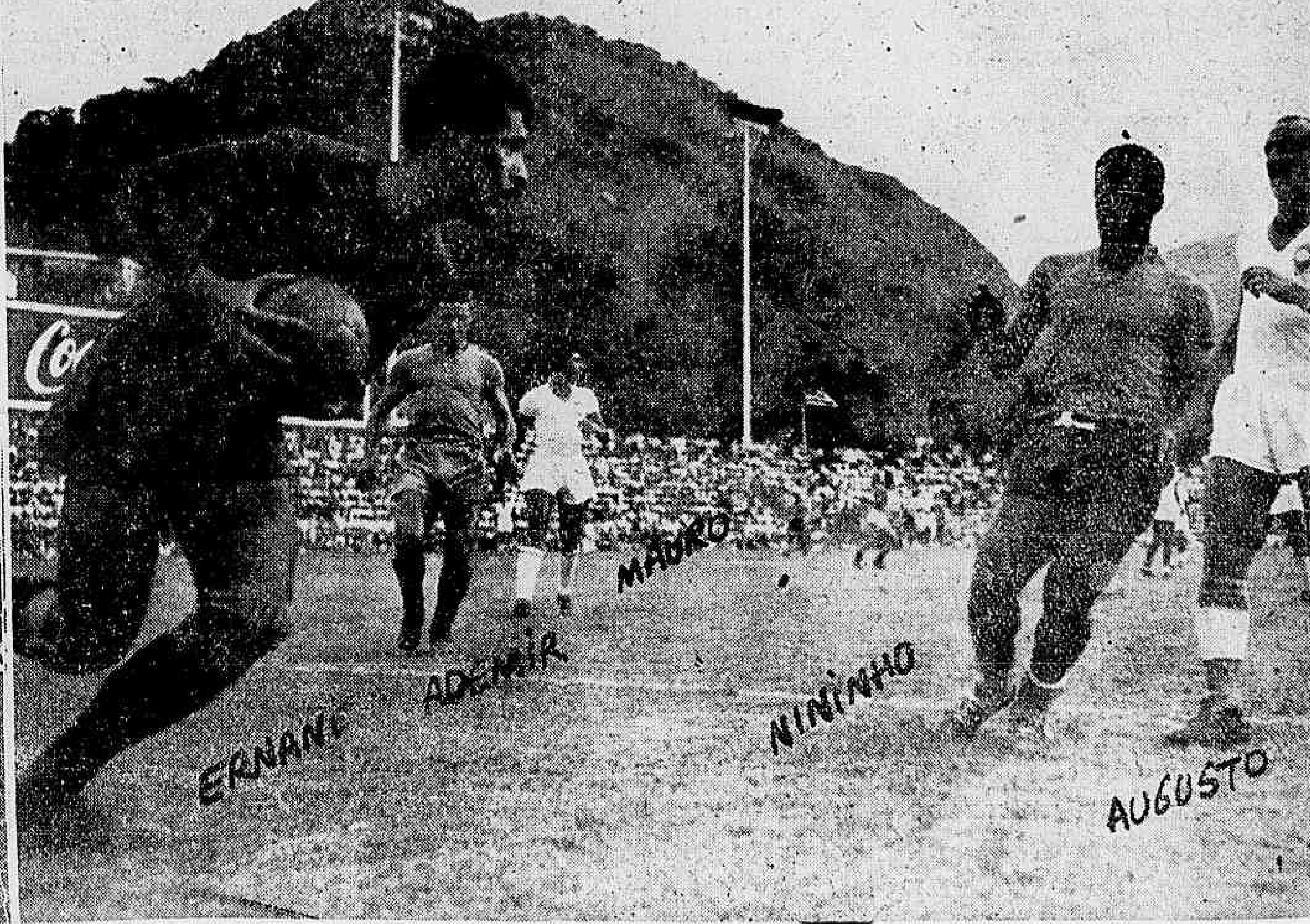
GRAFICA de JOSÉ SANTOS









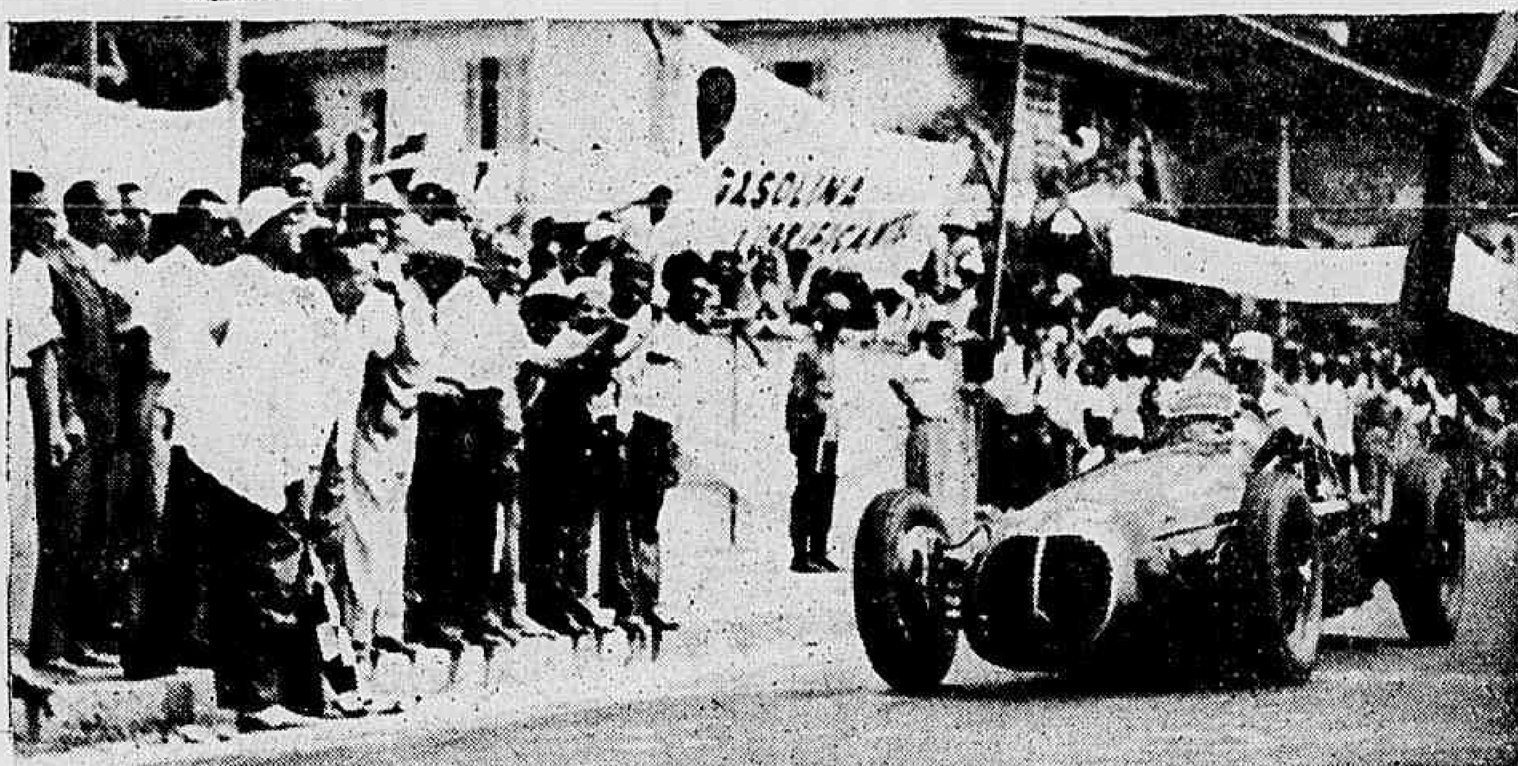




O sinal de largada do Circuito da Gávea, dado pelo prefeito da cidade]

VILLORESI, O MAIOR VOLANTE DO MUNDO, VENCEU A GAVEA DE 49

Escreveu MAX GOLD



Villoresi vencendo o Circuito da Gávea de 1949

Embora pareça incrível somente no domingo passado, no terceiro mês do ano, portanto, foi iniciada a temporada carioca de automobilismo.

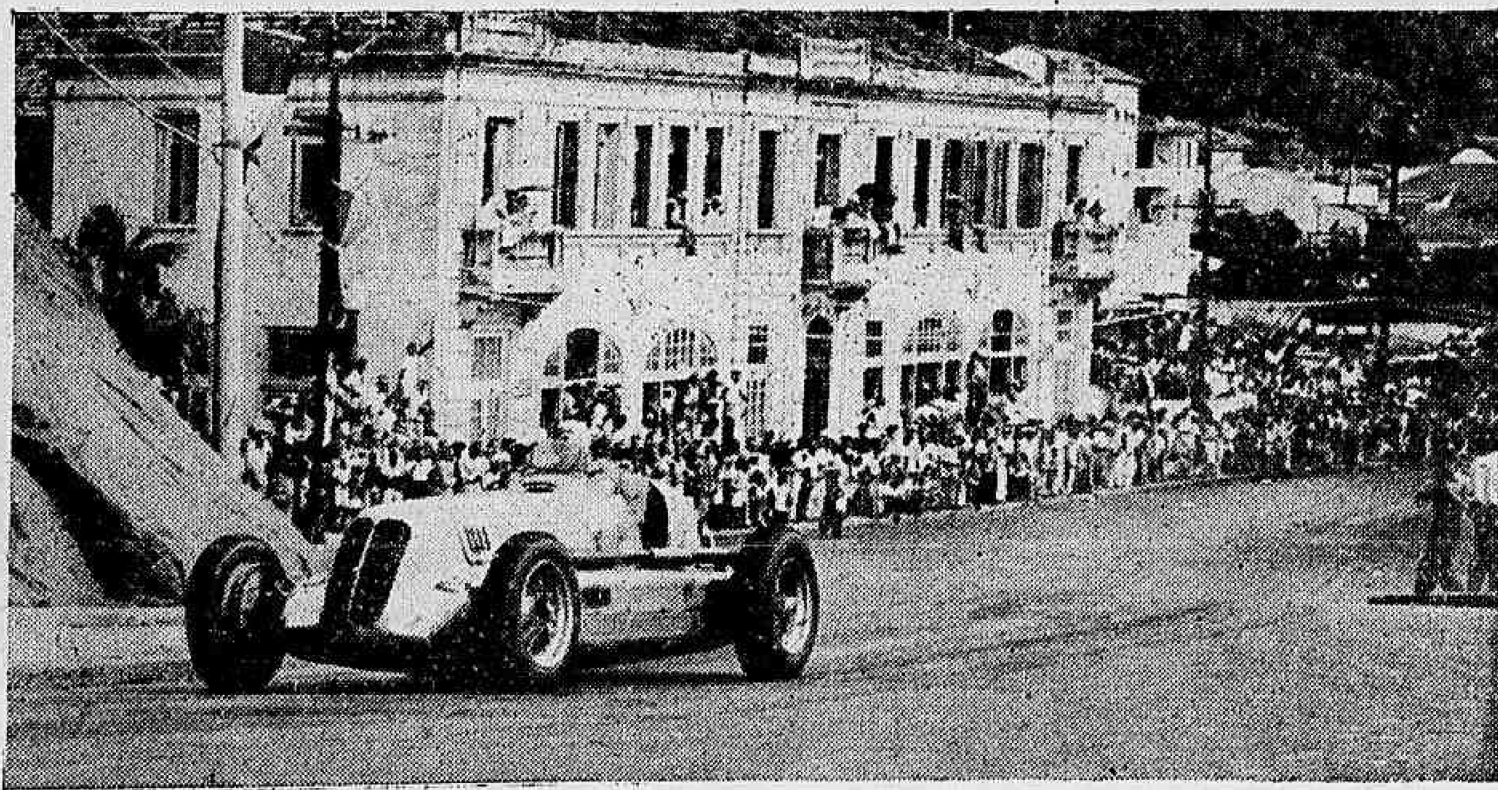
Numa manhã magnífica, com uma assistência numerosa e com a presença do Prefeito da Capital e do Presidente da República, o Automóvel Clube do Brasil levou a efeito o Circuito da Gávea de 1949.

Apesar da presença de 3 ases estrangeiros de fama mundial, Villoresi, Farina e Ascari, e ainda a presença do conhecido volante paulista Chico Landi, o Trampolim do Diabo dêste ano, foi uma decepção. Sim, uma decepção, pois logo no início o desenrolar da prova deu a entender quais seriam os colocados. Também a fraca performance cumprida pelo volante Landi, que correu com um carro cedido por Credentino, contribuiu para desanimar a assistência. A Gávea é uma corrida interessante para os corredores, mas não para o público, que se enerva por ter que esperar 8 minutos para ver a passagem dos corredores pelo ponto em que se encontram. A disparidade de fôrças entre os carros concorrentes também contribui para que, logo de início, se estabeleça uma grande distância entre os carros concorrentes impedindo o duelo que é o que interessa ao público. Está, pois, mais uma vez provada a assertiva de que o circuito ideal para o Rio, é a Quinta da Boa Vista, em que o espectador tem a oportunidade de ver os concorrentes em quase todo o trajeto sem sair do seu pôsto de observação.

Mas, voltando a corrida de domingo passado, Villoresi venceu e venceu bem, aproveitando a chance proporcionada pelo desastre de que foi vítima Ascari. Fala-se muito que se não fôra o acidente, Ascari seria o vencedor da prova. Não concordamos, pois Gigi é um bom volante, tinha um bom carro e conhecia a pista melhor que seu compatriota. Acrescente-se à isto o fato de que duas voltas antes do acidente, a distância entre os dois era de 48 segundos e na volta seguinte esta distância tinha diminuido para 21 segundos. Ora, se Villoresi tinha reduzido a distância de 27 segundos numa volta, logicamente poderia vencer a distância restante nas voltas que ainda faltavam e que eram muitas.



Luigi Villoresi, após o seu sensacional triunfo



Chico Landi na terceira volta do Circuito da Gávea

Ascari, entretanto, deixou patente sua classe de grande corredor e sua perícia e fazendo lembrar pelo estilo o falecido Varzi, o "volante de mármore". Farina, que obteve a segunda colocacão, é um bom volante, mas um pouco "pé de chumbo", pisa no acelerador e não quer conversa e geralmente acontece que o carro quebra. Desta vez foi até o fim, seguido de perto pelo luso-paulista Chico Marques. O quarto lugar pertenceu à Fontenelle com aqule carro contemporâneo de D. João VI, que chegou na frente do Alfa de Casini e da Maserati de Anuar de Goes.

E por hoje é só, vamos esperar pelas próximas provas, na esperança de que para isto não tenhamos que esperar até o ano de 1950...

SE VOCÊ É INTELIGENTE,

aproveite estas DUAS vantagens

1ª - CALÇANDO

"MISSOURI ESPORTE"

VOCÊ ESTÁ SERVIDO EM

QUALIDADE, DISTINÇÃO E PERFEIÇÃO

É UM NOVO TIPO DE CALÇADO, PARA UM NOVO TIPO DE CONFÔRTO

★ MODÊLO — B-30



2ª. - CALÇANDO

"MISSOURI"

★ MODÊLO — B-29

VOCÊ ESTÁ HABILITADO A CONCORRER AO SORTEIO, EM 24 DE DEZEMBRO DE 1949, DE

UM AUTOMOVEL MERCURY OU CR$ 100.000,00

Solado de borracha, em couro graneado e impermeável, nas côres: Preto, Marron, Havana, Beige e Branco

PREÇOS:

De 27 a 32 : Cr$ 135,00 ★ De 33 a 36 : Cr$ 150,00 ★ De 37 a 43 : Cr$ 180,00

FACA O SEU PEDIDO PELO SISTEMA DE REEMBOLSO POSTAL, COM TRANSPORTE GRATIS PARA QUALQUER LOCALIDADE DO BRASIL. ENVIANDO BEM NITIDO O SEU ENDERECO COMPLETO (RUA, NUMERO, CIDADE E ESTADO ONDE RESIDE). PARA

INDUSTRIAL CALÇADOS RUBRO NEGRO LTDA.

AV. JOÃO RIBEIRO, 384 — PILARES — RIO



Trocas de gentilezas, antes do cotejo internacional, Aguada x Atletica do Grajaú. Em pé, da esquerda para a direita: Nozinho, Paulo César, Rodrigues, Adail, Pedro, Leon, Noli Coutinho e Juan Nicola, juizes da partida, Cleto, Hugo, Hugo Padula presidente reeleito da Atlética, o chefe da delegação oriental, o famoso Bira, Gully e Romano

A TEMPORADA DO CAMPEÃO URUGUAIO DE BASKET

Sob os auspícios do Flamengo, o Aguada, campeão absoluto de basketball do Uruguai, vem de realizar uma temporada no Rio de Janeiro, enfrentando três das equipes filiadas à Federação Metropolitana de Basketball.

Abrindo a temporada internacional, os orientais enfrentaram a representação do Tijuca que, contando com 4 elementos que integraram o "scratch" campeão do Brasil, se fez reforçar ainda de mais 3 "scratchmen" pertencentes cada qual, ao Botafogo, América e Grajaú.

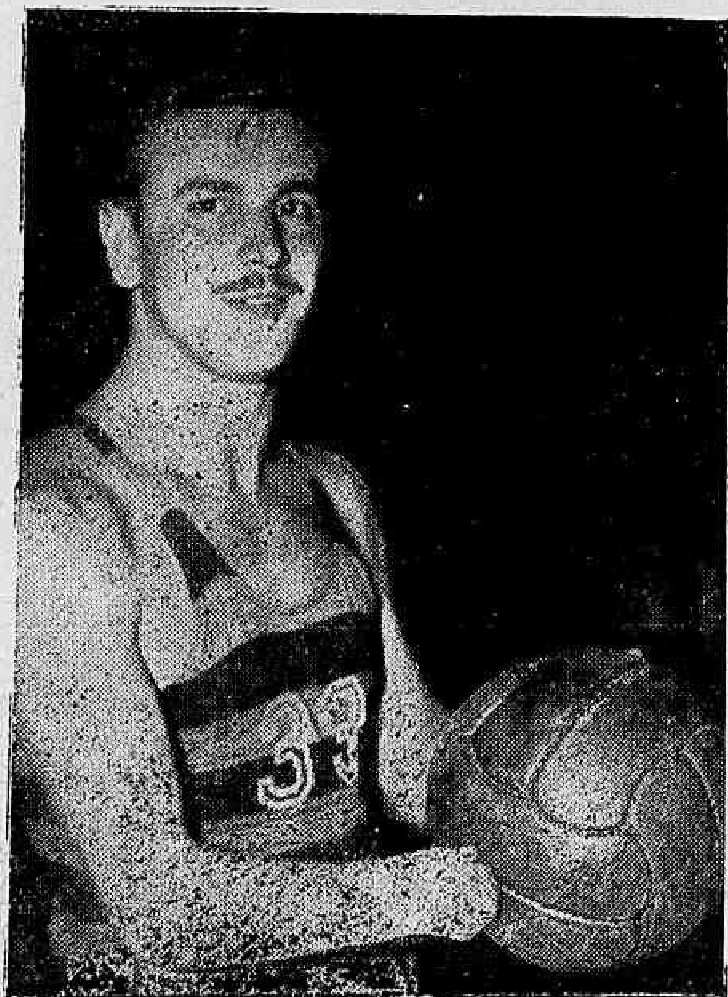
Os orientais, neste cotêjo, fizeram alarde de um jôgo rápido e mvoimentado, apresentando ainda dois bons finalizadores de jogadas: Rodrigues, que apesar de ter a sua mão direita amputada, demonstrou uma grande visão de cesta, e Leon, um perito nos arremessos por cima da cabeça. Os cajutis deixaram-se envolver, só reacionando quando por ocasião de uma substituição. Entretanto, a parcialidade do juiz uruguaio Juan Nicola e o fator tempo, impediram aos tijucanos de um melhor êxito, caindo pela contagem de 51x48.

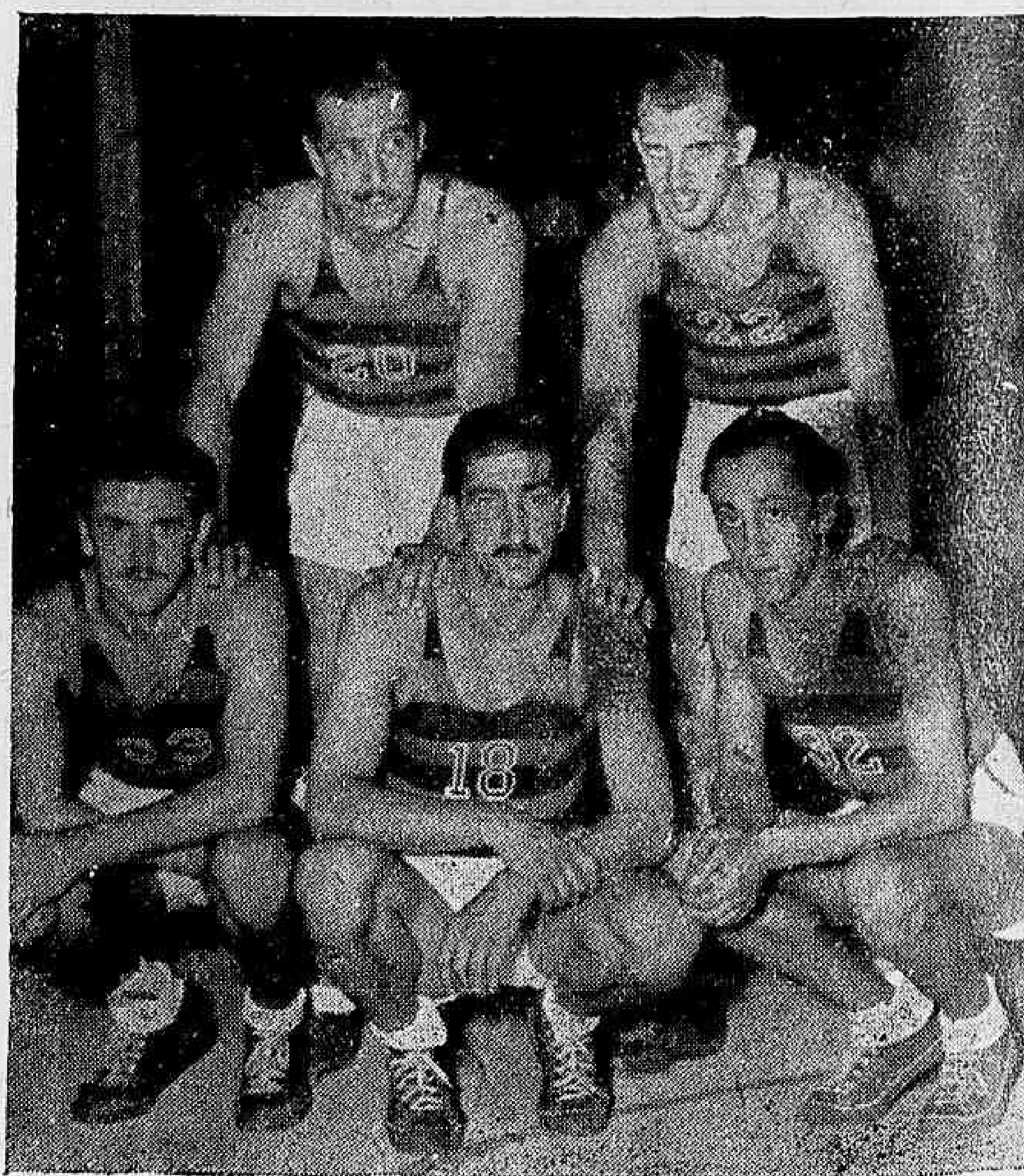
No dia seguinte — quinta-feira última — o Aguada fez a sua segunda apresentação, desta feita contra a Atlética do Grajaú, que se apresentava com modestas pretensões, em face da queda do Tijuca, apesar de reforçado. Mas acontece que os orientais não repetiram a mesma exibição anterior, falhos na marcação e indecisos nas conclusões. A Atlética do Grajaú, por sua vez, sem apresentar um padrão técnico digno de registro, jogou o que dela lícito era se esperar. E com as duas equipes falhas técnicamente, a pelêja transcorreu dentro de um verdadeiro equilibrio, aliás, o que serviu de motivo para prender o interêsse dos espectadores, voltado para a constante variação no "placard", ora a favor de um, ora a favor de outro, só se definindo nos instantes finais em favor dos orientais, justamente quando os atleticanos passaram a se preocupar mais com as jogadas violentas do que propriamente com o jôgo. Aliás, violências que geraram um lamentável incidente, culminando com a invasão da quadra por numerosos torcedores.

(Continua na pág. 18)

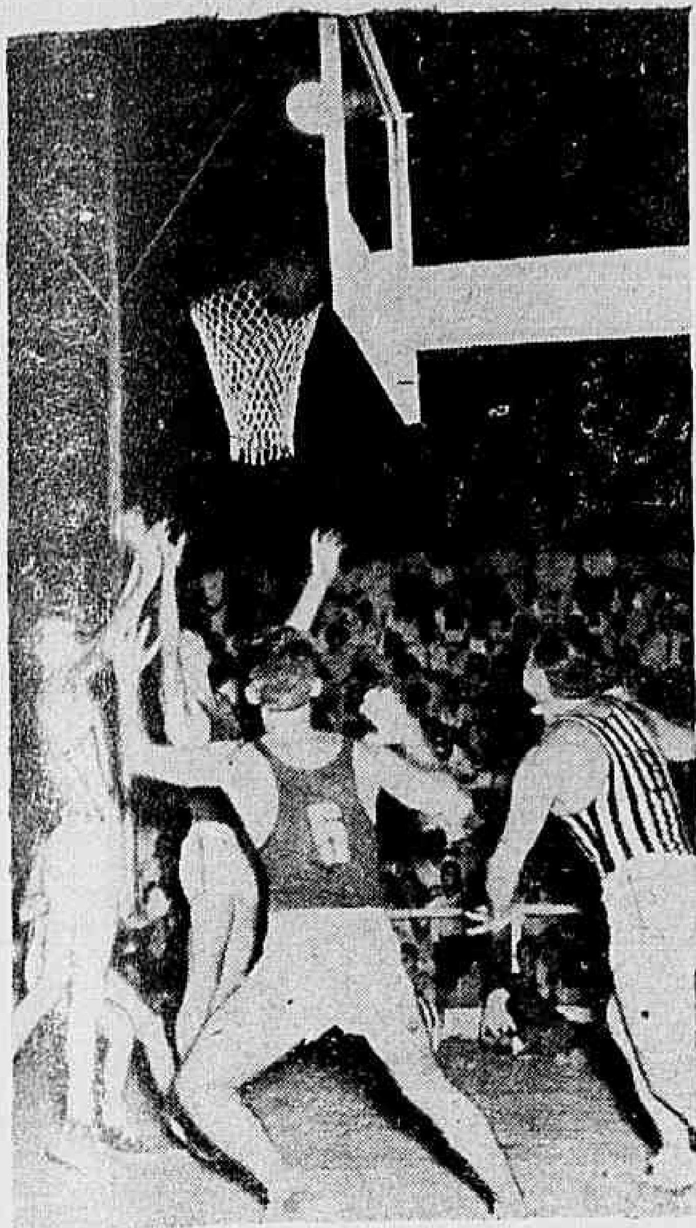


Os cinco titulares da Atlética do Grajaú, ladeados pela dupla que dirigiu o encontro. Em pé, da esquerda para a direita: Noli Coutinho, o juiz brasileiro, Montanha, Tainha e Juan Nicola, o juiz uruguaio. Agachados, na mesma ordem: Paulo Cézar, Adail e Cleto





O "five" principal do Aguada, campeão uruguaio. Em pé: Pedro (20) e Leon (22). Agachados: o maneta Rodrigues, Romano (18) e Gully (32)



Aguardam a pelota no "rebote" Tião (6) e Celso Meyer, do Rio, e Massenet e Marson, de São Paulo

Justiça de um título

Por SALDANHA MARINHO

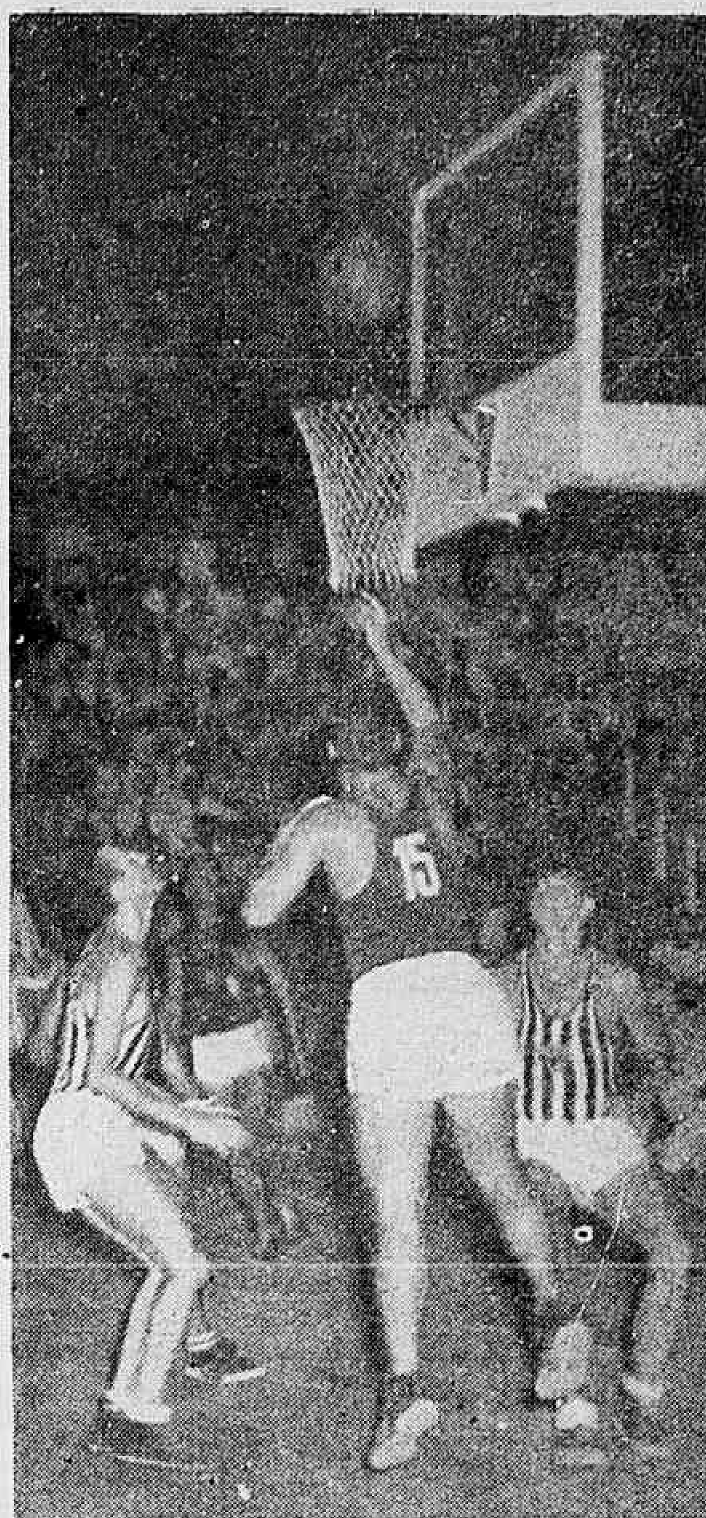
Apesar de não contar com o concurso dos olímpicos Rui de Freitas e Pacheco, a seleção metropolitana, integrada de dois ou três valores experimentados ao lado de alguns novatos, conquistou com justiça o título de campeão brasileiro de basketball.

Justiça, afirmamos, porque na série "melhor de três", justamente contra o seu maior rival, o qual, por sua vez, reunia todo o favoritismo, os cariocas efetivamente superaram nitidamente os paulistas em duas das três partidas disputadas, perdendo apenas a segunda, sem contudo deixarem se dominar.

A primeira partida da série decisiva, na qual os cariocas abriram o caminho da conquista do disputado título, os representantes da seleção metropolitana jogaram como verdadeiros campeões. Assinalaram uma vitória liquida e indiscutível. Todos os seus valores jogaram com acêrto, com segurança, não permitindo aos bandeirantes sequer esboçar uma reação que chegasse realmente a ameaçar o triunfo dos cariocas, que se desenhára logo nos minutos iniciais da pelêja.

Entretanto, na segunda partida, o panorama já se apresentou adverso aos cariocas, muito embora êstes procurassem adotar a mesma tática da partida anterior, ou seja, a base do contra-ataque, só que desta feita os contra-ataques foram feitos mais moderados, menos rápidos, assim como os arremêsos de meia distância não tiveram o mesmo êxito do cotêjo anterior.

Não se pode esconder que os bandeirantes, na segunda melhor de três estiveram mais coesos, mais ajustados, infiltrando-se sempre que possível e "brigando" eficientemente no "rebote". A tática empregada pelos paulistas, também foi a mesma da partida anterior, porém, com mais coordenação. Armavam-se em forma de leque, com um perfeito revezamento entre Alexandre e Brasil debaixo da tabela, brotando jogadas bem mais produtivas.



Alfredo (15) do Rio, arremessa, sob as vistas de Massenet e Silvio Montanarini. No fundo, Tião, da seleção carioca



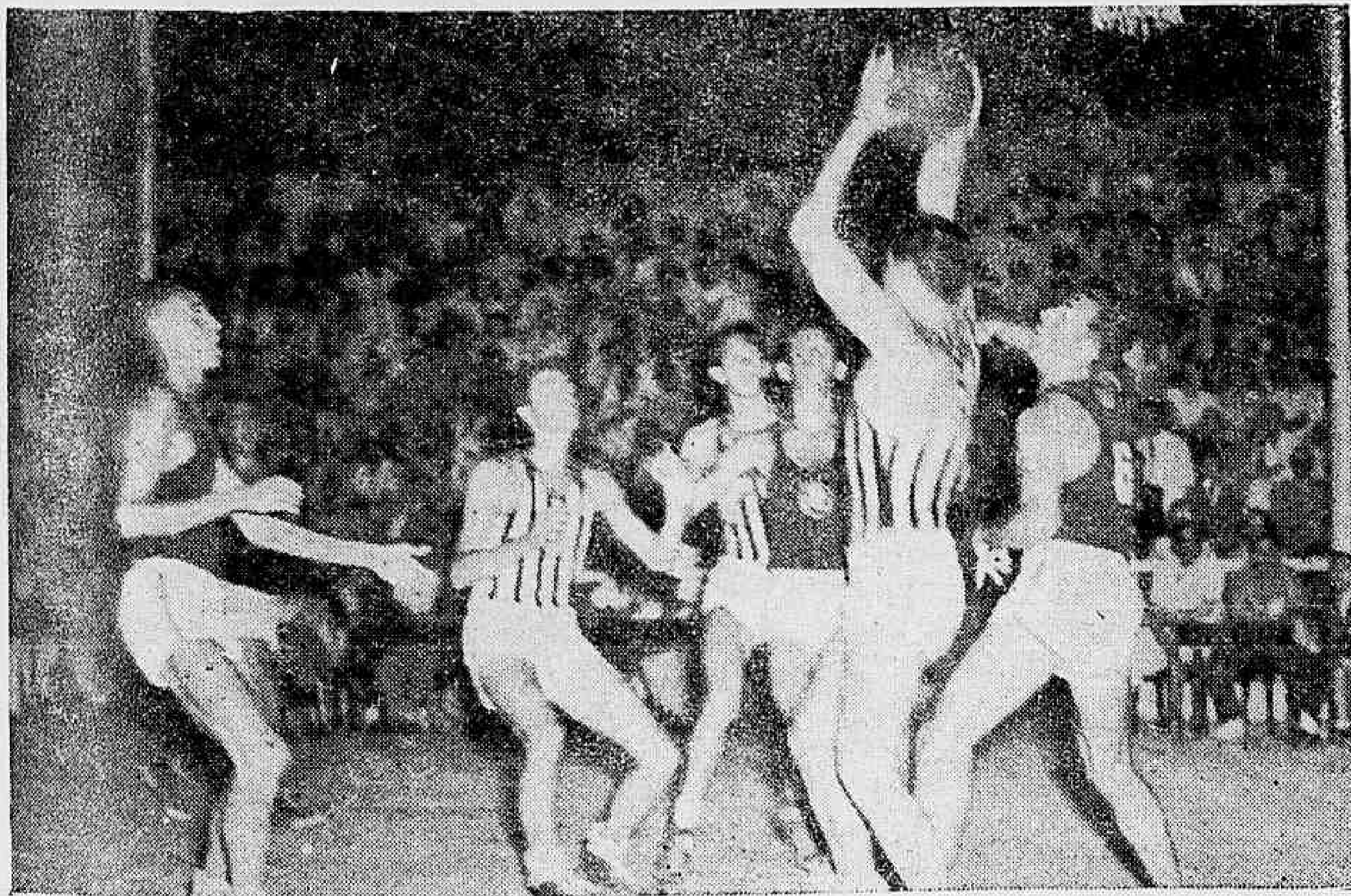
Os "captains" das equipes campeã e vice-campeã do certame, carioca e paulista, respectivamente, Celso Meyer e Amâncio, ladeados pelos juizes da 2.ª melhor de três, Luis Marzano e César Pôrto (Gatinho), ambos cariocas

E' bem verdade que neste cotêjo os cariocas não foram apoiados com a mesma felicidade nos arremêssos. Acreditamos, por outro lado, que a pouca mobilidade da seleção carioca foi provocada pelo recuo de Alfredo para a cabeça do garrafão, quando se sabe que êste jogador tem como principal característica finalizar jogadas e não construir. Isto, entretanto, verificou-se em face da severa vigilância que Massenet exercia sôbre Alfredo.

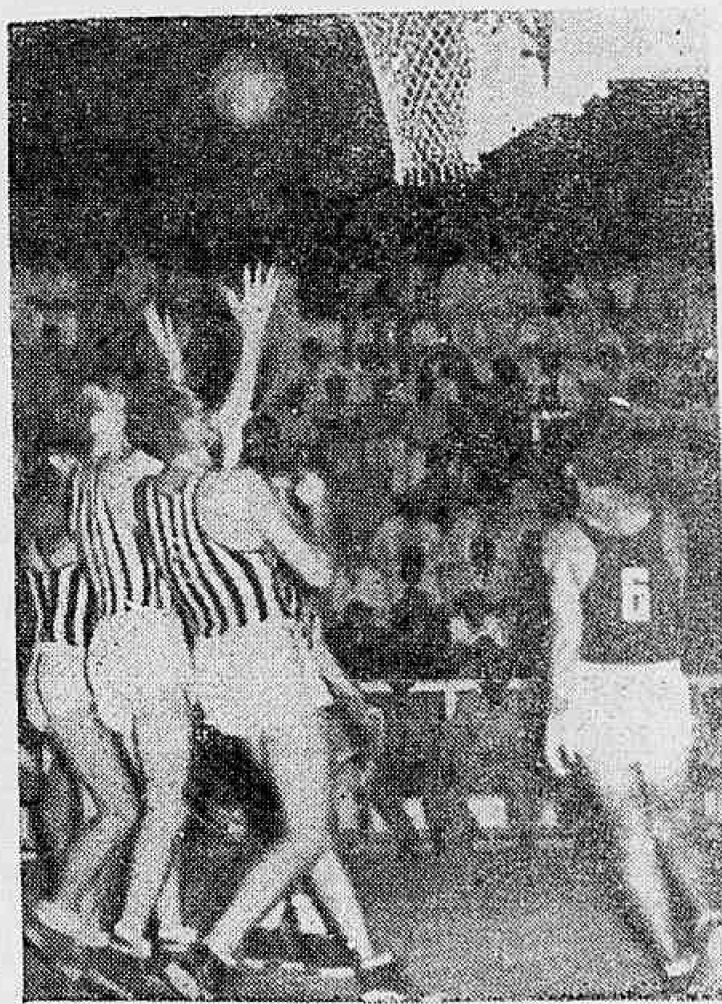
Não obstante a atuação dos cariocas fora de suas verdadeiras possibilidades e um melhor entendimento entre os integrantes bandeirantes, êstes não chegaram a exercer domínio sôbre os cariocas, conforme pode atestar o resultado da pelêja: 22x20.

Na partida decisiva, na clássica "negra", cariocas e paulistas apresentaram ainda as mesmas características. Os primeiros visando a cesta com mais insistência. Ainda em forma de leque, agora, com Alexandre e Marson revezando em baixo da tabela. Os segundos, ar-

(Continua na pág. 18)



Massenet, de São Paulo, de posse da bola, procura centrá-la. Na expectativa se encontram, da esquerda para a direita: Algodão, (carioca), Brasil e Marson (paulistas), Celso Meyer, pela frente de Massenet, e Tião, por trás



Todo o "time" paulista, espera a bola no "rebote", enquanto Tião (6), do Rio, aguarda serenamente o resultado do lance



Silvio (19), de Minas, disputa o "rebote" com Alexandre, de São Paulo, enquanto Stropiana, por trás, procura alcançar a bola

BAIANOS, REVELAÇÃO DO BASKET NACIONAL

Sem dúvida alguma que o Campeonato Brasileiro de Basketball, realizado recentemente em Salvador, Bahia, nos apresentou noitadas seguidas de boas e péssimas partidas. Durante todo êste período nos foi dado a observar a propagação, a difusão, o rendimento técnico dêsse salutar esporte em diversos Estados do Brasil.

Apesar dos pesares, pudemos constatar que nesta aferição de valores individuais e pela produção técnica em conjunto, êste certame teve a sua parte dignificante, qual seja a de acusar mais um centro que se fará respeitado na prática do basketball, já que se quando pronunciava algo a respeito dêsse esporte no Brasil, as referências se limitavam em tôrno das entidades do Distrito Federal, São Paulo e Minas Gerais.

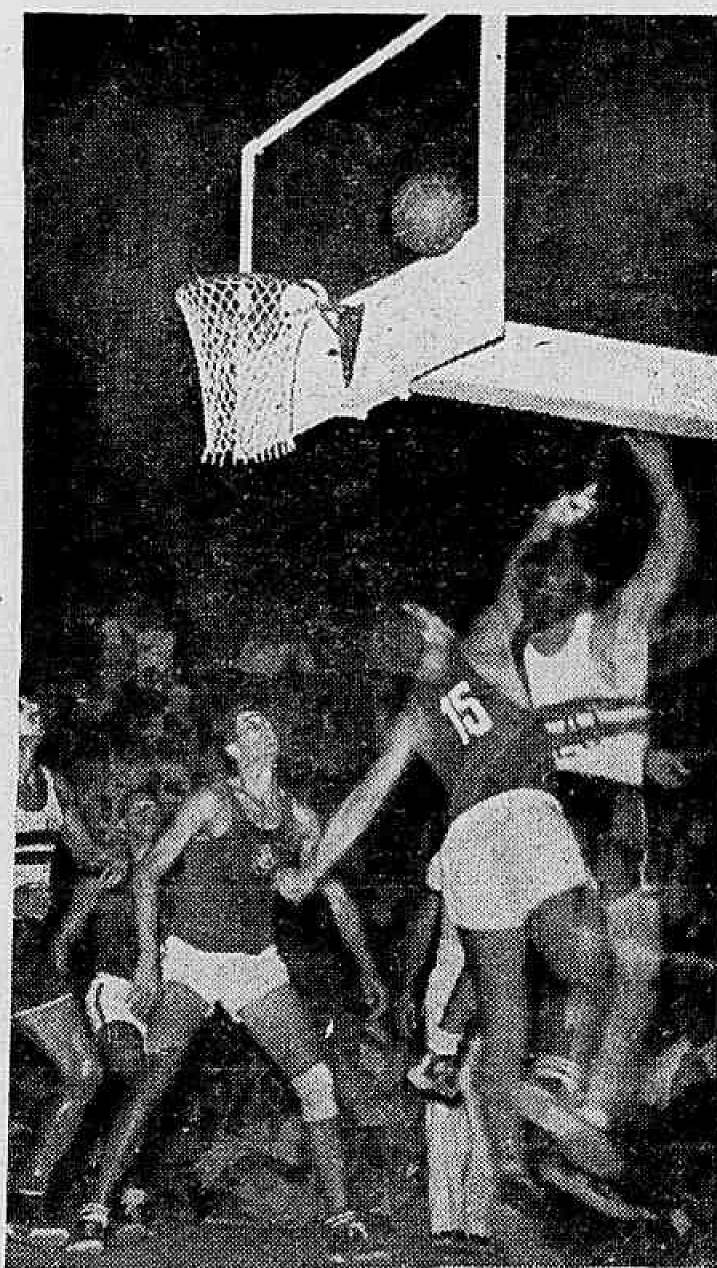
Agora, com a indiscutível pontaria do representante da Bahia, Agnaldo Borges, convertendo 19 lances em 20 tentativas, assegurando para o seu Estado o titulo de campeão individual de lance livre, e, ainda, com a surpreendente vitória da seleção baiana sôbre a seleção mineira, apoderando-se da honrosa condição de terceiro lugar do certame, as atenções estarão também voltadas para a Bahia.

Efetivamente, a vitória dos baianos foi impressionante, ainda mais que os mineiros, a nosso ver, foram os mais regulares do certame e que melhor padrão técnico apresentaram. Tiveram contra si, para uma melhor posição, a infelicidade nas conclusões e outros fatores que preferimos abordar em futuras reportagens.

Contra os rapazes da Boa Terra, os montanheses jogaram em condições precárias e uma grande parte sem a necessária assistência de seu técnico, o popular Fu Manchu, que se retirou em face de uma indisposição. E assim os mineiros não puderam reeditar a mesma exibição que apresentaram contra os paulistas, para os quais, só cederam a vantagem no "placard" nos dois minutos finais da pugna,

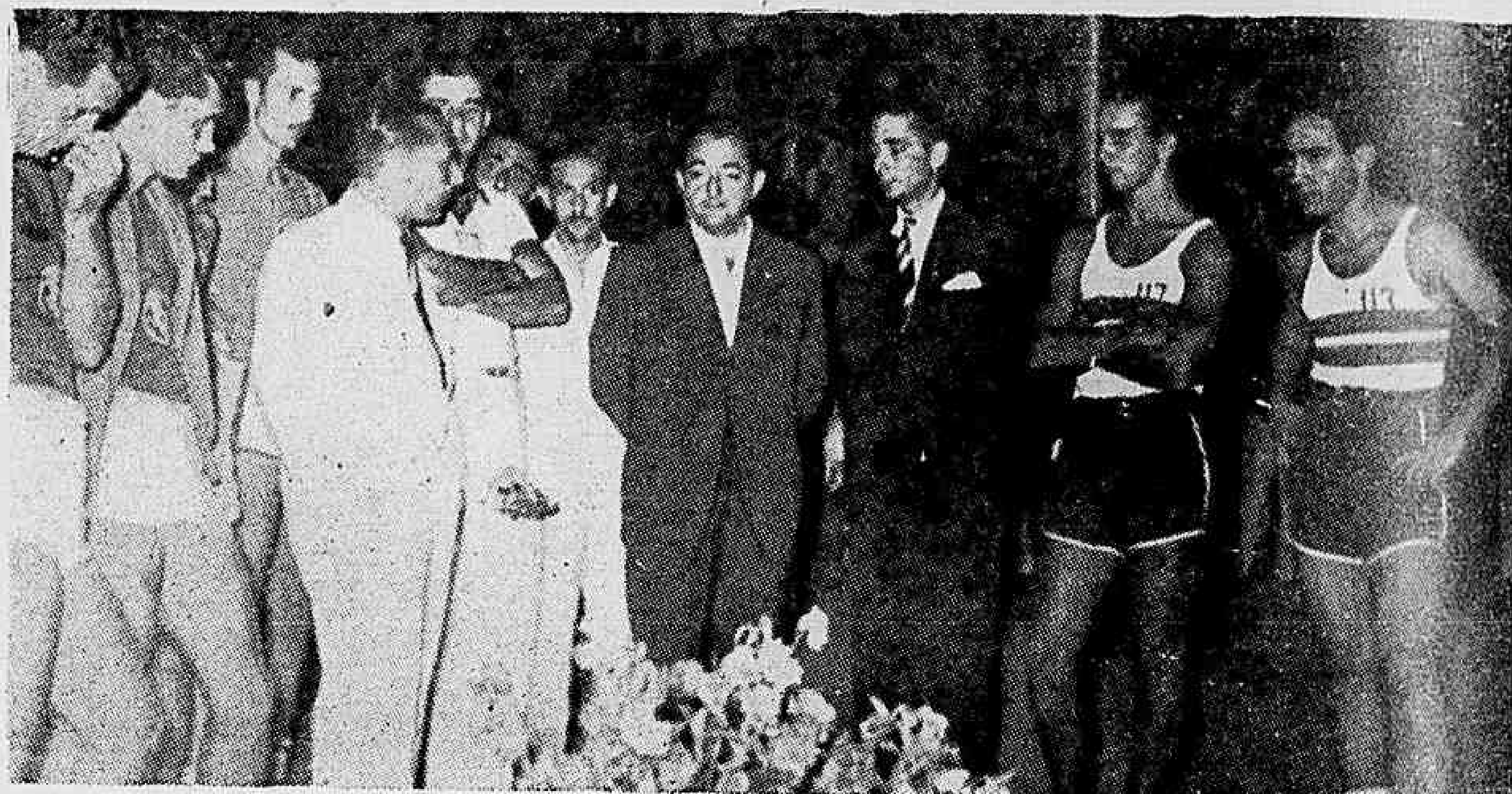
(Continua na pág. 18)

Alfredo (15), do Rio e Luis Arthur, da Bahia, disputa a posse da pelota no "rebote". Lerena, Assap, do Rio, e Epaminondas, da Bahia, aguardam o resultado do lance



Embora policiado por Lerena, Luis Artur arremessa espetacularmente de "gaúcho", lance do cotejo Rio x Bahia



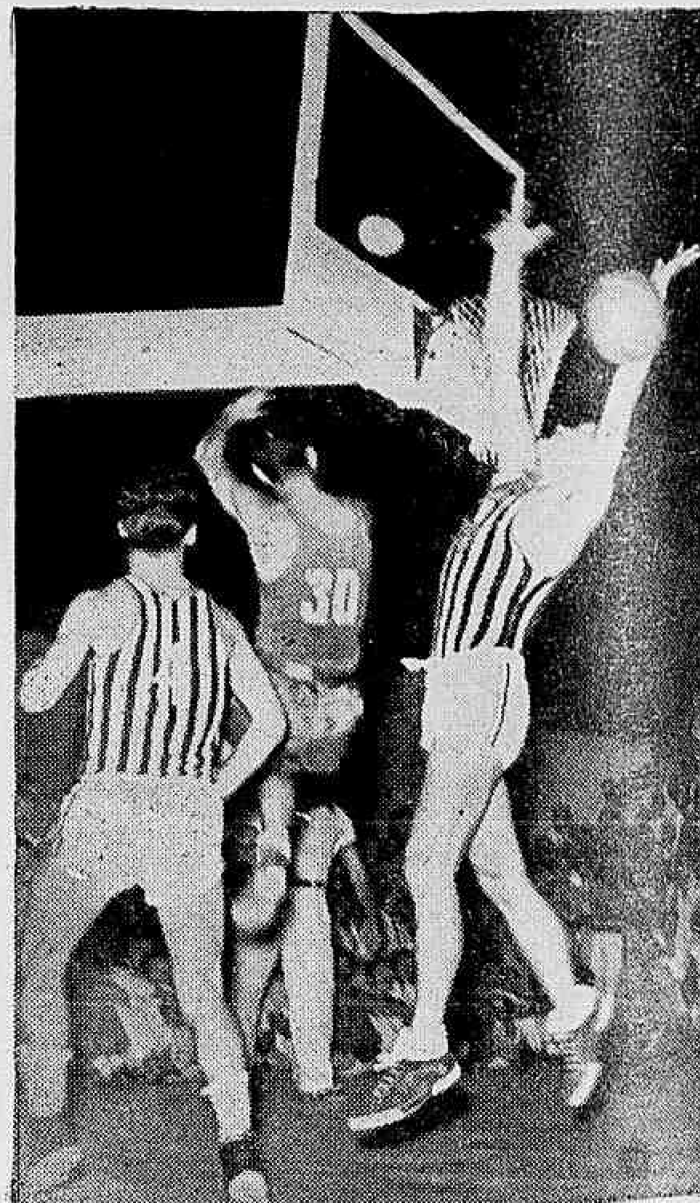


Um flagrante da homenagem que a Federação Metropolitana prestou à sua congênere baiana, antes do cotejo Rio x Bahia. Em pé, da esquerda para a direita: Celso Meyer, Tales, Carlito, Edgard do Vale, chefe da embaixada carioca, o árbitro Luis Marzano, Gentil Ribeiro, Milton do Lago, Edmundo Vieira, Helio Jacques, presidente da Federação Baiana, Renato e Zézé Catarino

A bola bate na tabela de vidro, sem que Márcio (30) de Minas, Alexandre e Angelo, de São Paulo, possam recuperá-la no "rebote"



Distribuidores:
SOCIEDADE FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO LTDA.
Rua Carioca, 33 — Rio





A equipe bandeirante que se sagrou campeã brasileira de lance livre. Em pé, da esquerda para a direita: Ford, Marson, Alexandre, Silvio, Brasil e Amancio. Agachados, na mesma ordem, Ângelo, Nilton, Sacomã e Miltinho

AGNALDO BORGES, O BAIANO QUE BRILHOU NO LANCE LIVRE!

Por SALDANHA MARINHO

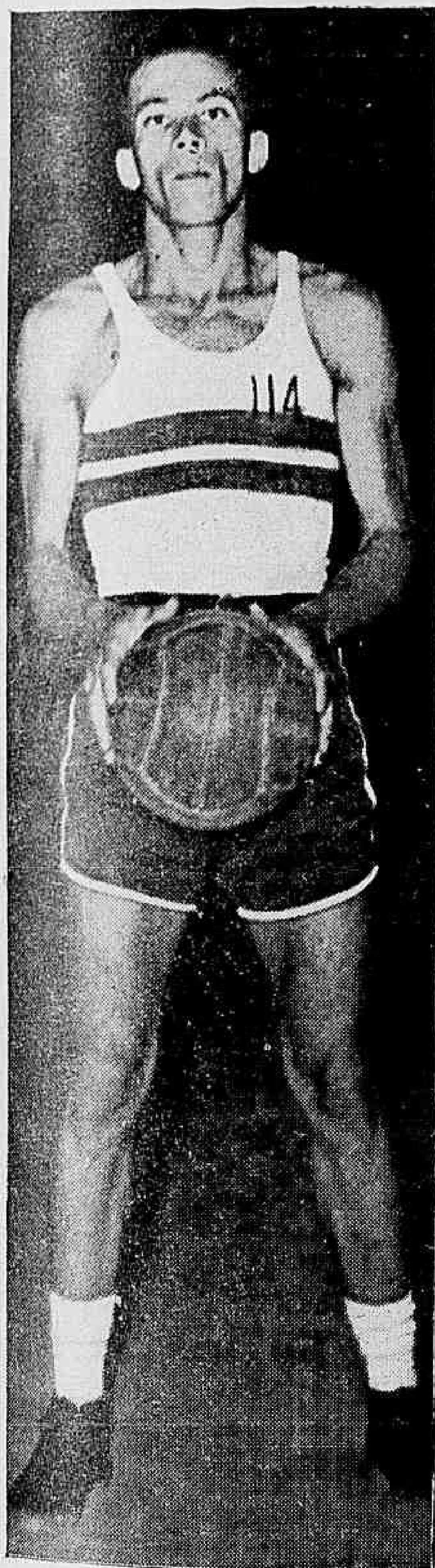
Paralelo ao Campeonato Brasileiro de Basketball, a Confederação Brasileira de Basketball fez realizar, na magnífica quadra de Fonte Nova, o Torneio de Lance Livre, aberto a todos os inscritos no certame de bola ao cêsto, mas que, atendendo à desistência das entidades de Alagoas, Paraná, Sergipe, Pernambuco e Ceará, só comportou sete concorrentes.

O Torneio Brasileiro de Lance Livre êste ano obedeceu a um novo critério, qual seja o do arremessador que tem direito a 20 tentativas, fazê-las em lote de 5, alternadamente, revezando com um representante de outra entidade, em cada tabela, até completar a série.

Entretanto, ainda com êste sistema, dando oportunidade ao jogador se refazer no intervalo de um lote para outro, o índice técnico alcançado não foi dos mais promissores, com raríssimas exceções individuais. Haja visto que a equipe campeã, em 200 arremessos — tendo cada equipe 10 jogadores, coube 20 lances a cada — apenas converteu 140, perdendo portanto 60 lances, perfazendo uma média de 6 lances perdidos para cada jogador em 20 tentativas.

Justo, porém, é salientar a "performance" cumprida por Jaime, do Espírito Santo, e Stropiana, de Minas Gerais, na última série, que converteram, o primeiro os 10 lances, e o segundo 9 lances em 10 tentativas, sendo que êste conseguiu igualar de condição com a equipe carioca, cujo último arremessador, Giuseppe, apenas converteu 6 em 10 tentativas.

Com esta felicidade de Stropiana nos arremessos, na última série, e com a infelicidade de Giuseppe, Minas Gerais, igualou ao Distrito Federal, no cômputo geral, somando 137 pontos. Todavia, tornou-se vice-campeã, por equipe, a representação mineira, já que, de acôrdo com o regulamento, em caso de empate, a classificação seria dada à equipe cujo primeiro arremessador fosse mais positivo.



Agnaldo Borges, da representação baiana que levantou o título de campeão individual de lance livre, cumprindo excepcional performance

Tendo Duda, o 1º arremessador da equipe mineira, convertido 11 lances, e Godinho, da equipe carioca, convertido apenas 8, ambos em 20 tentativas a classificação passou a pertencer a Minas Gerais, enquanto o Distrito Federal desceu para o 3º lugar.

Individualmente a vitória coube à Bahia, graças à excepcional pontaria de seu representante Agnaldo Borges, que em 20 tentativas apenas perdeu 1 arremêsso. Agnaldo arremessou o 1º converteu, jogou o 2º perdeu, para em seguida aproveitar todos os demais, dando uma demonstração de legítimo domínio de nervos, uma vez que se voltasse a desperdiçar outro lance ficaria em igualdade de condições com João Writh, do Pará, que também, numa excepcional visão de cêsta e segurança nos tiros, converteu 18 lances em 20 tentativas.

Por equipe, a última classificada foi a representação de Santa Catarina, que em 120 tentativas converteu 48 lances, o que se justifica pelo fato de sua equipe ter contado apenas com 6 jogadores.

A classificação geral, por equipe, foi a seguinte:

1º lugar — São Paulo, com 140 pontos; 2º — Minas Gerais, 137; 3º — Distrito Federal, 137; 4º — Pará, 125; 5º — Bahia, 117; 6º — Espírito Santo, 114; 7º — Santa Catarina, 48.

Individual — 1º lugar — Agnaldo Borges, da Bahia, com 19 pontos; 2º — João Writh, do Pará, 18; 3º, empatados — Geraldo (Minas), Alexandre (S. Paulo), Oldegardo (Pará) e Jaime (Espírito Santo), 17 pontos.

As três equipes primeiras colocadas foram integradas dos seguintes elementos:

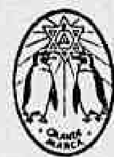
São Paulo — Alexandre (17), Ângelo (14), Sílvio (14), Marson (15), Milton (15), Brasil (11), Sacomã (13), Nilton (15) e Amâncio (12).

Minas Gerais — Duda (11), Antônio (6), Sílvio (14), Geraldo (17), Caiubi (14), Humberto (16), Décio (13), Márcio (15), Zé Luis (15) e Stropiana (16).

Distrito Federal — Godinho (8), Odim (15), Getúlio (15), Tales (16), Carlito (14), Alfredo (14), Assaf (15), Algodão (12), Tião (15) e Giuseppe (13).

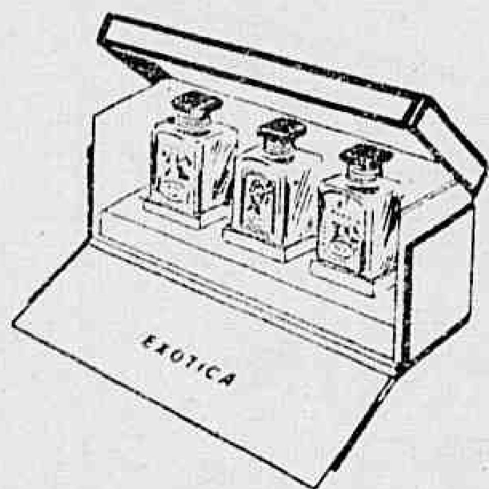
Todos êsses valores arremessaram, nesta mesma ordem, 20 vêzes, em duas séries de 10, em cada tabela.





PERFUMES

EXÓTICA



Para qualquer parte do Brasil ser-lhe-á remetido, pelo Correio, êste lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes

PELO REEMBOLSO POSTAL
Sem qualquer outra despesa
Cr$ 55,00

★

(Não remeteremos por via aérea)

Faça seu pedido à

Perfumaria Exótica

Rua Campos da Paz, 165 — Rio
Fone 48-8137

Enviamos Catálogos a quem solicitar

FRACO O ENSAIO DA "GUILHOTINA"

(Continuação da pág. 9)

teto, baseado como está na retaguarda vascaina. Desta feita, porém, nós vamos mais longe, pois vamos fazer um apelo a Flavio para que não coloque à margem um "player" extraordinário como êste, para manter Eli, cujas condições físicas não o recomendam em absoluto, a uma efetivação em nosso onze. Flávio assistiu, como nós, ao magnífico desempenho de Bauer, que foi, sem favor algum, a grande figura dêste penúltimo ensaio e acreditamos que êle não fará uma injustiça. Bauer foi absoluto e merece que lhe seja concedido o pôsto, que se recomendou pelos seus dotes técnicos. Barbosa, pouco empenhado, não pôde aparecer, e Ernani, que apareceu entre os titulares numa emergência, conduziu-se muito bem, praticando boas defesas. Dos quatro zagueiros que ensaiaram Augusto foi o mais positivo. Mauro, que desta vez formou ao lado do zagueiro vascaino, não se apresentou como das vêzes anteriores, porém ainda assim não decepcionou. Santos muito combativo e entusiasta, e Sampaio, outro que apareceu por fôrça da contusão de Wilson, portou-se de maneira a agradar plenamente. Sôbre Bauer já comentamos o suficiente, e quanto a Eli lamentamos ter mais uma vez de registrar a sua fraca "performance". Danilo, pela primeira vez, perdeu a "parada" para Rui, que apareceu como outra grande figura do gramado. O pivot sampaulino esteve extraordinário, ao passo que o "espêto" não revelou as suas magnificas qualidades. Noronha continua levando grande vantagem sôbre Bigode, embora êste também venha se apresentando muito bem. Dos ponteiros direitos o que mais agradou foi Paraguaio, embora tivesse atuado somente um tempo. Tesourinha desta vez atuou apenas discretamente e Cláudio continua sendo o mesmo Cláudio de sempre, muito temeroso. Zizinho também andou mal e continua com o seu vício incorrigível de prender demasiado a pelota, porém ainda assim foi notória a sua superioridade sôbre Ademir, que continua deixando muito a desejar. Dos comandantes Otávio foi o mais positivo e Nininho pela primeira vez constituiu-se no seu mais sério competidor, já que Carlyle e Leônidas atuaram abaixo da crítica. Jair também esteve horroroso, falhando consecutivamente. Orlando e Geninho, num mesmo plano, apareceram com altos e baixos. Canhotinho revelou-se o melhor dos ponteiros esquerdos, se bem que deixasse transparecer não se encontrar na plenitude de sua forma técnica e física. Chico, Simão e Braguinha também num mesmo plano, sendo difícil apontar qual o mais destacado.

Arbitrou o encontro o sr. Gama Malcher, que se conduziu bem, e os quadros atuaram assim constituidos:

BRANCOS — Ernani; Augusto e Mauro; Eli, Danilo e Noronha; Cláudio (Tesourinha), Zizinho, Otávio (Leônidas), Jair (Orlando) e Canhotinho (Chico).

VERDES — Barbosa; Santos e Sampaio; Bauer, Rui (Brandãozinho) e Bigode; Tesourinha (Paraguaio), Ademir, Nininho(Carlyle), Geninho e Simão.

A TEMPORADA DO CAMPEÃO URUGUAIO DE BASKET

(Continuação da pág. 14)

Encerrando sua temporada no Rio de Janeiro, o Aguada, ostentando a condição de invicto, enfrentou no sábado, a equipe do Flamengo, o promotor da temporada.

E neste cotêjo de despedida, a representação do país vizinho, fez um primeiro tempo jogando dentro de suas verdadeiras possibilidades. Apresentou um conjunto sólido, com uma defesa vigilante e um ataque infiltrador. Houve, nesta primeira fase, um equilíbrio de ações. Todavia, o Flamengo, na parte complementar, executando com perfeição a sua principal característica de jôgo, que é o contra-ataque rápido, foi envolvendo o seu adversário gradativamente, culminando com um absoluto domínio, dando margem aos uruguaios a reclamações injustificáveis, uma vez que sentia cair por terra a sua invencibilidade.

E o campeão carioca, aprimorando cada vez mais suas jogadas, impôs-se ao campeão de Montevidéu, pela expressiva contagem de 50x37.

Foi sem dúvida, um triunfo justo e merecido, já que os rubro-negros foram mais eficientes em tôda a linha.

Entretanto, os orientais não se conformaram, pensando naturalmente que terminariam sua temporada em nossas quadras, invictos...

PLACARD FUTEBOLÍSTICO

DOMINGO — 27 DE MARÇO

Flamengo 7 x Canto do Rio 1 (3x0). Em Niterói. Gringo (2), Esquerdinha (2), Luis Rosa, Jorge de Castro e Durval, do Flamengo; Carángo, do Canto do Rio. Juiz: Barrick, ótimo. Cr$ 24.184,00. **Flamengo** — Doli; Job e Norival (Serafim); Valdir, Valter (Moreira) e Beto; Bodinho (J. de Castro), Gringo (Arlindo), Durval, Luis Rosa (Moacir) e Esquerdinha. **Canto do Rio** — Itim; Manuelzinho (Paulista) e Borracha; Tetraldo (Carango), Edésio e Canelinha; Heitor, Valdemar, Geraldino, Carango (Raimundo) e Hélio.

Madureira 2 x Santa Fé-Milionários 2. Em Bogotá, Colômbia. Jorge e Benedito, do Madureira; Castillo e Aquilera, do Combinado. **Madureira** — Milton; Danilo e Mineiro; Arati (Vaguinho), Hermínio e Eunápio; Betinho, Didi (Mundica), Vaguinho (Benedito), Jorge e Pedrinho (Panzarielo). **Combinado** — Chanto; Guardiola e Bernal; Deli, Lakoz e Sorria; Gamez, Gragilu, Castillo, Andon e Aquilera.

Olaria 1 x E. C. Recife 0 (0x0). No Recife. Jarbas. Juiz: Ivan Capelleti, bom. Cr$ 31.000,00. **Olaria** — Odair; Osvaldo e Lamparina; Olavo, Moacir (Ananias) e Amaro; Alcino, Jarbas, Mical, Maxwell (Eliezer) e Esquerdinha. **E. C. Recife** — Manuelzinho; Chicão e Givanilton; Vavá, Alheiros e Amaro; China, Amorim (Dega), Arquimedes, Varejão (Zildo) e Carlito (Fumaça).

Botafogo do Rio 4 x Botafogo de Pouso Alegre 3. Goals do Botafogo do Rio de autoria de Hamilton. Cr$ 21.000,00.

Atlético Paranaense 5 x Fluminense 2 (1x1). Em Curitiba. Jackson (2), Neno (2) e Ari, do Atlético; Silas (2), do Fluminense. Juiz: Aristocílio Rocha, fraco. Cr$ 33.895,00. **Fluminense** — Mariano; Píndaro e Hélvio; Índio (Hélio), Pé de Valsa e Ismael; 109, Emílio, Silas, Santo Cristo e Rodrigues. **Atlético Paranaense** — Caju (depois Laio); Nilo e Valdomiro; Valdir, Nilson e Sanguineti; Ari, Vilanueva, Neno, Jackson e Cireno.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA Diretor-Presidente Gratuliano Brito. Endereço: R Visc. de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefone: — Secretaria: 22-4447; Administração: 22-2550; Publicidade: 22-9570; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Número avulso: Cr$ 2,00. Número atrasado: Cr$ 2,50. Assinaturas — Porte simples para o Brasil e as três Américas: Ano, Cr$ 90,00; Semestre, Cr$ 45,00. Sob registro: Ano, Cr$ 110,00. Semestre, Cr$ 55,00. Estrangeiro: Ano, Cr$ 200,00; Semestre, Cr$ 100,00.

ESPORTE Ilustrado

OS "BRANCOS"...

(Continuação da pág. 5)

têrço do rendimento de Bauer. Rui nem melhor nem inferior ao Rui das vêzes anteriores, e Brandãozinho, que o substituiu, atuou discretamente. Resta Bigode, regular em excelência, na sua produção. Três ponteiros direitos ensaiaram nessa noite e dos três gostamos mais de Tesourinha, que deverá ser o titular. Cláudio rendendo muito pouco para o conjunto, embora espetacular nas fintas. Resta Paraguaio, que, sem ser a sombra do Paraguaio do campeonato metropolitano do ano passado, convenceu totalmente. E' o tipo do jogador ideal para um selecionado, pois é valente e decidido nos lances capitais. Zizinho continua como o dono absoluto da meia direita, ao passo que Ademir continua decepcionando. Dos quatro comandantes, indiscutivelmente Otávio foi o mais positivo, porque o seu trabalho é realizador. Leônidas é mais leve e mais virtualista, possuindo mesmo mais cancha que o crack botafoguense. No entanto o meia alvinegro é mais infiltrador e possui mais senso finalizador. Carlyle esteve irreconhecível e Nininho provou que não reúne qualidades para disputar o pôsto com os outros concorrentes. Dos meias canhotos Jair foi o mais positivo. Aliás, desde que resolveu levar o caso a capricho, o meia rubro-negro tem aparecido no melhor da sua forma. Orlando bastante batalhador e Geninho com altos e baixos. Fez um bom primeiro tempo, vindo a decair de produção na fase final. Entre os ponteiros esquerdos, Simão e Braguinha se equivaleram e se houve algum que se apresentou ligeiramente superior, êste foi Braguinha.

Os dois quadros ensaiaram com a seguinte constituição:

BRANCOS — Barbosa; Augusto e Wilson; Eli, Danilo e Noronha; Cláudio (Tesourinha), Zizinho, Leônidas (Otávio, depois Carlyle), Jair (Orlando) e Simão.

VERDES — Osvaldo; Santos e Mauro; Bauer, Rui (Brandãozinho) e Bigode; Paraguaio, Ademir, Otávio (Leônidas, depois Nininho), Geninho e Braguinha.

DE REVÉS

(Continuação da pág. 3

— A Diretoria da F. M.T. M. abriu inscrições para o Torneio de Estreantes. Mas a Assembléia Geral ainda não aprovou o Calendário.

— Confirmadas nossas cortadas de revés: Neves no América, Dr. João fora do Olimpico cuja direção de Tênis de Mesa está entregue ao sr. Malcher auxiliado por Batista Boderone e Jair Belmonte.

JUSTIÇA DE UM TÍTULO

(Continuação da pág. 15)

remessando de pequena distância, quando anulados seus contra-ataques. Alfredo, embora muito policiado, apresentou-se com mais acerto. Celso Meyer e Algodão reviveram as atuações de gala da primeira partida.

Os cariocas adotando o sistema de um servir ao outro, com uma sequência de passes, portaram-se com notável desenvoltura, dominando os paulistas, durante todo o primeiro quarto de luta. No segundo quarto, com a inclusão de Silvio Montanarini em substituição a Massenet, a equipe bandeirante aprimorou a marcação e passou a exercer maior pressão, chegando a estabelecer um equilíbrio de ações. Entretanto, o técnico carioca, sàbiamente, substituiu Godinho, que já prenunciava esgotamente, por Giuseppe, retornando os cariocas a dominar as ações.

E com êste domínio, numérico e territorial, os cariocas cumpriram também a segunda fase da partida decisiva. Contudo, os paulistas, apesar de envolvidos, não esmoreceram, muito ao contrário, ofereceram resistência com denôdo e galhardia, dando uma demonstração de fibra, forçando sempre que possível o reduto dos cariocas, lutando até o último apito do cronometrista, o que valorizou ainda mais o triunfo merecido, líquido e insofismável da representação metropolitana.

BAIANOS, REVELAÇÃO DO BASKET NACIONAL

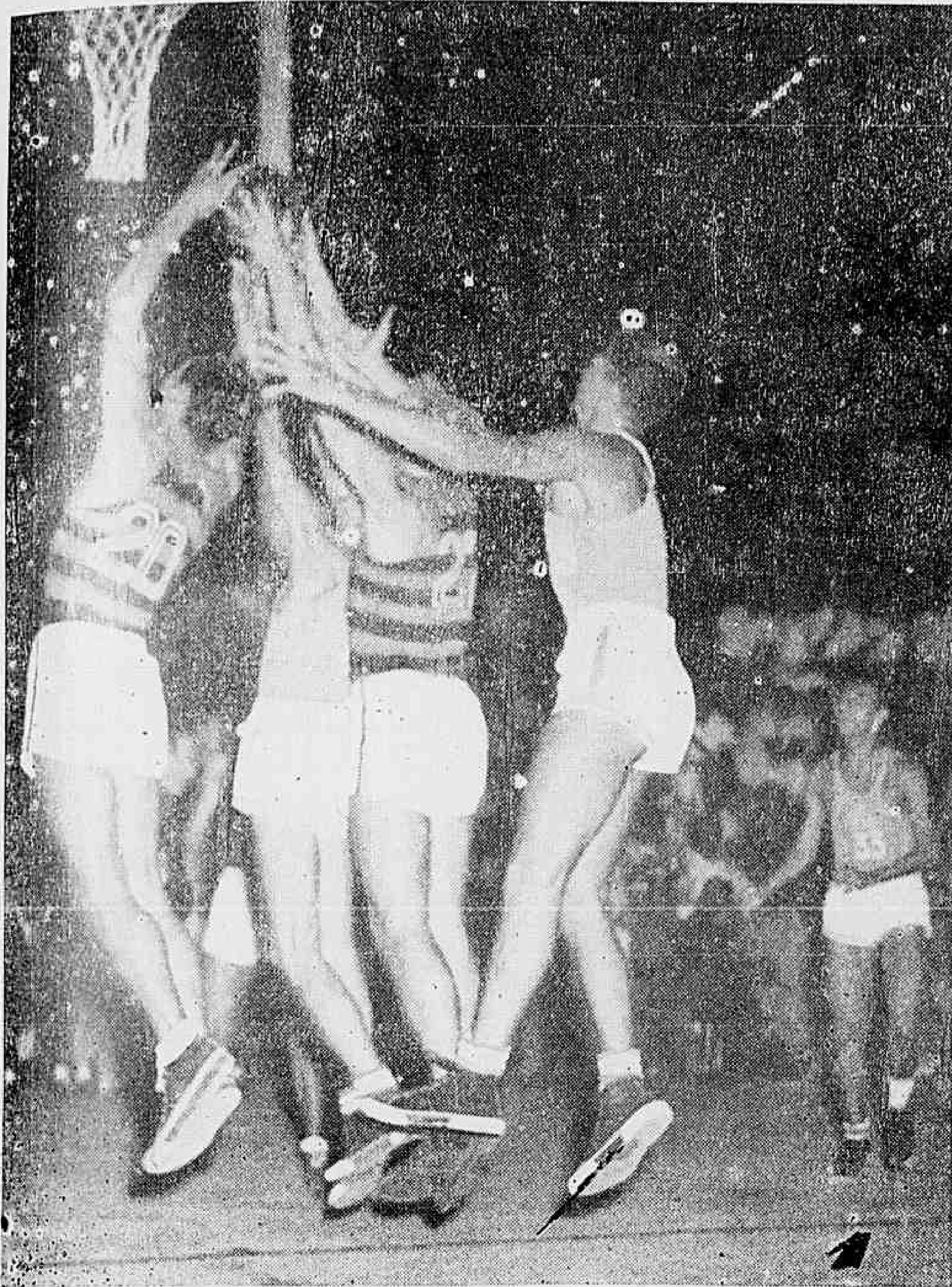
(Continuação da pág. 16)

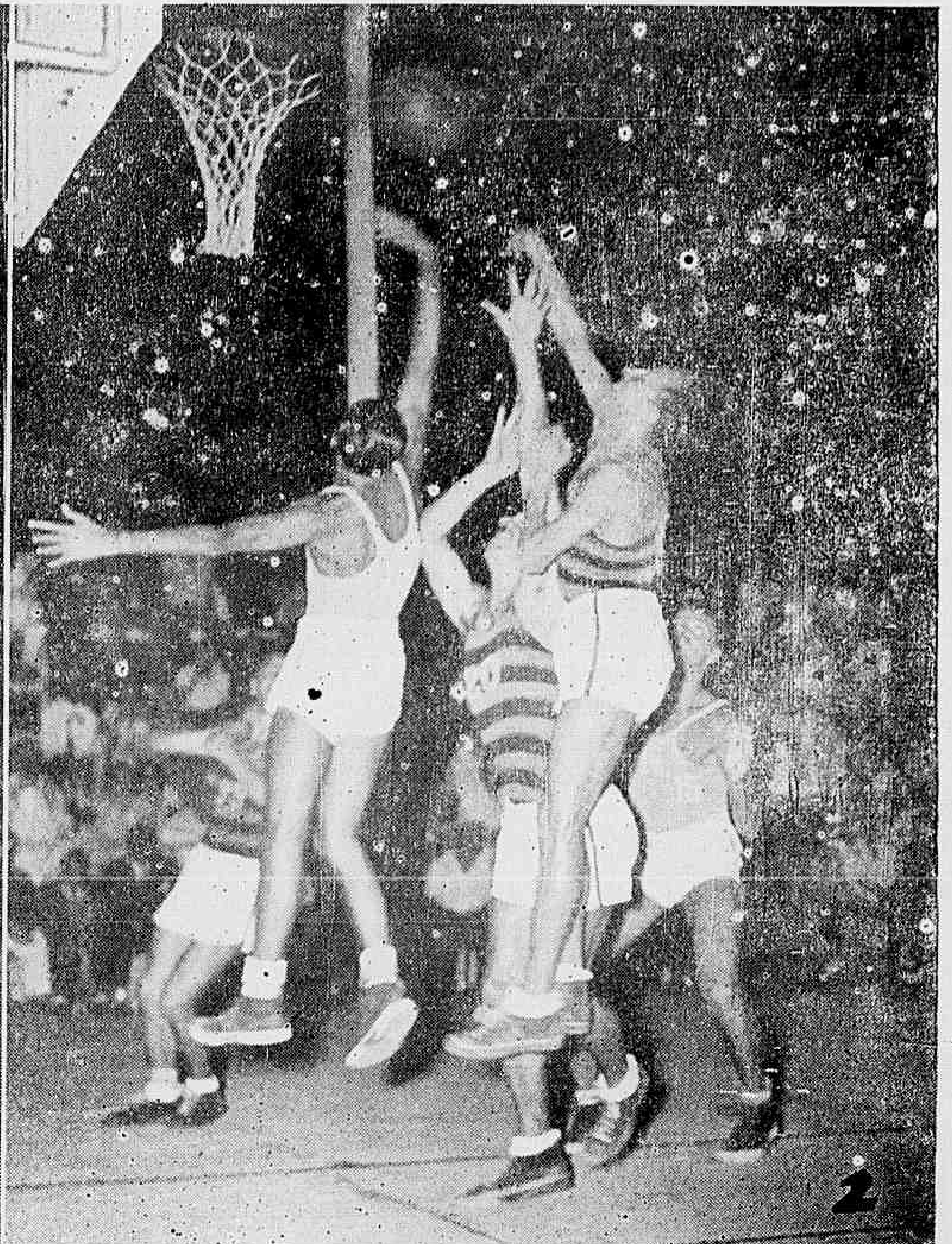
quando Caiubí se descontrolou em face das arbitrariedades do juiz Sousa Andrade.

Contudo, não se pode desmerecer o mérito da vitória da representação baiana que, muito embora não fôsse integrada de valores de primeira grandeza, apresentou um basketball produtivo, um conjunto harmonioso, e um bom finalizador de jogadas, que se trata do centro Almir, que sempre soube tirar partido de seu físico privilegiado.

Aliás, contra os próprios cariocas, os baianos já haviam evidenciado o gráu técnico alcançado no basketball, uma vez que jogaram de igual para igual, durante uma boa parte do jôgo, é bem verdade que amparados por uma boa dose de entusiasmo. Todavia, a classe e a maior "cancha" dos cariocas, fizeram-se prevalecer, superando os baianos num prélio renhido e farto de lances movimentados.

De qualquer forma, porém, os baianos souberam se impôr neste certame, deixando patente o que poderão render no futuro. Sua vitória sôbre os mineiros, já é sem duvida, um atestado de seu levantamento técnico e de quem sabe explorar as falhas adversárias.





Aguada x Atlética do Grajaú, Cleto, da Atlética, arremessa sem êxito, sobrando o "rebote" para Pedro (20) e Garcia (27), do Aguada e Montanha, da Atlética. Ao lado, Tainha, da Atlética e Pedro e Riet, do Aguada, disputa uma bola alta, enquanto fica na expectativa. Em baixo, Adail marcado por Pastorino, tenta impedir a passagem do maneta Rodrigues. Em seguida, ainda o maneta Rodrigues com perfeito contrôle de bola procura se desvencilhar de Adail

